



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
INSTITUTO CEUB DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO – ICPD**

KELLYANE AURÉLIO BEZERRA

**HIPÉRBOLE E EUFEMISMO: EFEITOS DE SENTIDO
NA LINGUAGEM FIGURADA DO NOTICIÁRIO ESCRITO**

Brasília

2013

KELLYANE AURÉLIO BEZERRA

**HIPÉRBOLE E EUFEMISMO: EFEITOS DE SENTIDO
NA LINGUAGEM FIGURADA DO NOTICIÁRIO ESCRITO**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão de Texto: Gramática, Linguagem Construção/Reconstrução de Significado.

Orientadora: Dr^a Denise de Aragão Costa Martins

BRASÍLIA
2013

KELLYANE AURÉLIO BEZERRA

**HIPÉRBOLE E EUFEMISMO: EFEITOS DE SENTIDO NA LINGUAGEM
FIGURADA DO NOTICIÁRIO ESCRITO**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão de Texto: Gramática, Linguagem Construção/Reconstrução de Significado.

Orientadora: Dr^a Denise de Aragão Costa Martins

Brasília, ____ de _____ de 2013.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Nome completo

Prof. Dr. Nome completo

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, o autor da minha vida, que me deu condições financeiras, intelectuais e emocionais para começar e terminar mais esse curso e que sempre me guarda e me abençoa.

Sou grata também ao meu esposo, Willian, que me deu suporte durante todo o curso, à minha família e amigos que sempre me apoiaram e ajudaram, emprestaram livros, revisaram e me deram palavras de ânimo.

À minha paciente e competentíssima orientadora, Denise; sem ela esse trabalho seria impossível.

RESUMO

A proposta deste trabalho é analisar os efeitos de sentido causados nos noticiários escritos por meio da escolha de palavras e do uso de hipérbole, eufemismo e linguagem figurada, além de expor a necessidade de ler os textos com olhar crítico, pois a linguagem é ideologia e esta é repassada, entre outros, por meio das notícias de jornal. A neutralidade nesse tipo de obra é inexistente, porque o redator, mesmo implicitamente, defenderá o seu ponto de vista ou o da empresa para a qual trabalha. Sempre há a intenção do escritor por trás de seus escritos. Além dos aspectos sintáticos, a semântica também tem grande importância para a interpretação das matérias jornalísticas, pois a relação das palavras e o peso delas é quem causa o impacto almejado nas notícias. Por isso, serão analisados cinco textos extraídos de *blogs* e jornais *online*, à luz de conceitos linguísticos, gramaticais e estilísticos, relativos à linguagem figurada no discurso jornalístico. Neste âmbito, o papel do revisor é de fundamental relevância para aperfeiçoar os textos tornando-os mais compreensíveis e coerentes, mas é necessário manter um limite de atuação para não interferir a ponto de mudar a significação que o autor gostaria de dar ao seu texto.

Palavras-chave: Eufemismo. Hipérbole. Semântica. Noticiário. Revisão de texto.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze the effects of meaning caused the news by the choice of words and the use of hyperbole, euphemism and figurative language, besides exposing the need to read texts with a critical eye, because language is ideology and it is passed on, among others, by means of newspaper. Neutrality in this type of work is nonexistent, because the writer, even implicitly, defends his or her point of view or the company's for which he or she works. There is always the intention of the writer behind his or her writings. Besides the syntactic, semantics also has a great importance for the interpretation of news stories, since the relationship of words and their meaning are responsible for causing the desired impact on the news. Therefore, we will analyze five texts extracted from newspapers and blogs, according to the linguistic concepts, grammatical and stylistic concerning figurative language in journalistic discourse. In this context, the proofreader's job has a fundamental importance to improve the texts to make them more understandable and coherent, but it is necessary to maintain a proceeding limitation to not interfere and change the meaning that the author would like to give his or her text.

Keywords: Euphemism. Hyperbole. Semantics. News. Proofreading.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. FUNDAMENTOS.....	12
1.1 O texto jornalístico e a análise do discurso crítica.....	12
1.2 Intencionalidade na escrita das notícias.....	15
1.3 Situacionalidade e coerência: o sentido do texto.....	16
1.4 Semântica e efeito de sentido na linguagem figurada.....	19
1.5 Figuras de linguagem: hipérbole e eufemismo.....	20
1.6 O revisor de textos.....	23
2. ANÁLISES DE DADOS.....	28
2.1.1 Análise do texto 1.....	28
2.1.2 Análise dos textos 2 e 3.....	33
2.1.3 Análise dos textos 4 e 5.....	43
CONCLUSÃO.....	50
REFERÊNCIAS.....	53
ANEXO.....	56

INTRODUÇÃO

Esta monografia tratará da mudança de sentido de um texto por meio do uso do eufemismo e de como a aparição da hipérbole torna o enunciado chamativo, dependendo do público, bem mais convidativo à leitura. Será abordado o emprego da linguagem conotativa na exibição de notícias e explorada a maneira contrastante de os veículos de comunicação reportarem fatos acerca do mesmo assunto.

O reforço da ideologia das classes dominantes por meio das reportagens também será mencionado no decorrer deste trabalho. Expor-se-á que não há textos jornalísticos neutros, porque a intenção do autor estará sempre contida neles, além de discutir-se a relevância do trabalho do revisor.

É importante conscientizar o leitor a não considerar sempre o que está escrito como verdade absoluta. Em todas as situações comunicativas, é imprescindível ter a percepção de que um texto não é inocente, nem escrito sem um porquê.

A necessidade de se estudar a língua não apenas em seus aspectos gramaticais de erros e acertos tem-se tornado cada vez mais patente. Dar importância à mudança ocorrida no sentido de um texto ao substituir uma palavra por outra, ou seja, no âmbito semântico, auxilia na percepção do quanto a linguagem, por meio da língua, interfere no comportamento e na crença das pessoas, portanto, constrói a realidade.

A escolha do tema deste trabalho foi pautada em algo atual e que trouxesse interesse ao leitor, isto é, que se mostrasse realmente útil e de grande

recorrência, e, além disso, fosse relevante tanto para estudantes, como professores, ou para quem se interesse pelo fenômeno da linguagem.

Várias possibilidades foram consideradas e, juntamente com a orientadora, aperfeiçoadas, para que, em poucas palavras, se apresentasse o assunto e estimulasse o interesse do leitor pelo trabalho, até que finalmente se chegou ao tema: “Hipérbole e eufemismo: efeitos de sentido na linguagem figurada do noticiário escrito”.

Em noticiários, especialmente, os de opinião, muitas vezes transparece a emoção de quem os escreve e, junto com esse sentimento, vem a necessidade de expô-lo da maneira mais adequada. Dessa forma, a escolha do vocabulário é de essencial importância para que o escritor cause o impacto esperado. As figuras de linguagem têm um papel na construção do sentido nos noticiários escritos, e duas delas terão destaque neste trabalho: a hipérbole e o eufemismo.

Surge, então, a problemática: o uso ou a ausência de hipérbole e eufemismo em notícias escritas afetam o sentido do texto? Como a linguagem figurada influencia para tornar o texto mais sensacionalista? Qual é o limite do trabalho do revisor de textos para não alterar o efeito de sentido almejado pelo autor?

Muitos livros, artigos e monografias foram pesquisados durante alguns meses, mas a maioria deles foi descartada, por conter assuntos irrelevantes ou apenas um pequeno parágrafo, ou até mesmo uma linha, a respeito do assunto desta pesquisa. Mantiveram-se os mais detalhados. Neste trabalho, não foi feita uma pesquisa qualitativa, mas apenas revisional, comparando uma fonte à outra.

Os dados eleitos para a elaboração das análises foram, inicialmente, notícias jornalísticas de cunho político do ano de 2002, o que me motivou a tentar examinar outras reportagens, além de instigar-me a ler e interpretar discursos de forma crítica, como qualquer leitor deve proceder.

As matérias jornalísticas escolhidas para as análises foram as seguintes:

- “Dezesseis palavras que choram”, escrito por Roberto Pompeu de Toledo, da *Revista Veja online*, em 13 de fev. 2002, apresentada pela professora F. Cordélia Oliveira da Silva, ao ministrar a disciplina *Texto e construção de sentido e significado*, no curso de pós-graduação em Revisão de Textos, do UniCeub;
- “Feliciano contra a Globo”, escrito por Lauro Jardim, da *Revista Veja online*, em 26 de jul. 2013;
- “Papa é um Feliciano com muito mais poder e apoio da globo”, escrita por Lino Bocchini, da *Revista Carta Capital online*, em 23 de jul. 2013;
- “Metrô começa a circular com vagões exclusivos para mulheres”, escrita por Almiro Marcos, do *Jornal Correio Braziliense online*, em 1 de jul. 2012;
- “Vagão exclusivo para mulheres parece uma boa idéia, mas não é”, escrita por Nádia Lapa, da *Revista Carta Capital online*, em 27 de jun. 2013.

Optou-se por essas reportagens por demonstrarem com eficiência o tema defendido e pelo fato de algumas tratarem do mesmo assunto, mas com abordagens diferentes, pois cada uma foi editada e escrita por empresas de comunicação e pessoas distintas, baseadas em interesses diversos.

Nas reportagens, foram observadas as ocorrências de eufemismo e hipérbole, e o efeito no sentido que a aplicação ou a falta dessas figuras de pensamento causam. Ao mesmo tempo, foi analisada a intenção do autor ao empregá-las e verificado como ficaria o texto se fossem trocadas por outros vocábulos.

Para comprovar o que será exaustivamente defendido durante todo este trabalho, as palavras ou frases examinadas foram marcadas em itálico, além disso, há observações a respeito das opções dos termos escolhidos pelos autores.

Nesse contexto, mostra-se relevante o papel do revisor de texto, que precisa atentar ao que o autor deseja expressar, pois a substituição de um termo por outro ou a omissão dele pode modificar totalmente o sentido desejado pelo escritor. O profissional de revisão precisa ser alertado de que não é um co-autor do texto e, caso seja necessária alguma mudança, antes de fazê-la, o escritor tem de ser consultado. A revisão deve ser feita, preferencialmente, em parceria com quem escreveu.

A organização deste trabalho, em síntese, será feita da seguinte maneira:

O primeiro capítulo será o de Fundamentos, dividido entre:

1.1 O texto jornalístico e a análise do discurso crítica: onde será abordada a importância do texto e seu uso como reforço da ideologia das classes dominantes, além da tentativa de chamar atenção dos indivíduos para fazer leituras de forma mais críticas e menos passivas.

1.2 Intencionalidade na escrita das notícias: nessa parte, há o intuito de despertar o leitor em relação à ausência de neutralidade nas notícias e demonstrar

que, mesmo implicitamente, o autor dará a sua opinião e procurará conduzir o leitor a pensar da mesma forma.

1.3 Situacionalidade e coerência: o sentido do texto: nesse momento do trabalho, demonstrará a necessidade de se analisar um texto dentro de um contexto, pois as palavras possuem cargas semânticas diferentes e podem apresentar significados diversos, dependendo da situação na qual estão inseridas e dos outros termos que estão ao seu redor.

1.4 Semântica e efeito de sentido na linguagem figurada: na seção, serão especificadas as diferenças entre denotação, conotação, sentido literal e figurado.

1.5 Figuras de linguagem: hipérbole e eufemismo: nessa parte, serão apresentadas algumas figuras de linguagem, embora sejam aprofundadas e diferenciadas apenas hipérbole e eufemismo, além de expor o efeito de sentido causado por elas nos textos jornalísticos.

1.6 O revisor de textos: aqui serão exibidos a importância e os limites do trabalho do profissional da área de revisão de textos.

O segundo capítulo, que trata das análises de dados, será de grande relevância para comprovar, por meio de exemplos concretos, tudo que foi argumentado e defendido.

Na conclusão, sintetiza-se o que foi tratado no decorrer deste trabalho, exposto o resultado obtido e respondidas as perguntas feitas neste primeiro momento.

1 FUNDAMENTOS

1.1 O texto jornalístico e a análise do discurso crítica

No Brasil, há um grande número de analfabetos funcionais – são indivíduos alfabetizados, porém sem capacidade de interpretar o que leem. Ler não é um ato tão simples quanto parece. Compreender as entrelinhas e o implícito é algo bem mais complexo. Muitos, inclusive os considerados cultos por possuírem diploma de nível superior, não conseguem interpretar um texto de fato.

O leitor, por mais escolarizado que seja, se não estiver atento, pode ser conduzido e manipulado pela mídia. O texto não é apenas um conjunto de palavras ou um acumulado de frases; ele é interativo e contém a ideologia do autor, no mínimo, mascarada. “Assim, uma característica típica da manipulação é comunicar crenças implicitamente, isto é, sem realmente afirmá-las, portanto, com pouca chance de serem questionadas”. (DIJK, 2010, 123).

É importante que os professores estimulem seus alunos a tornarem-se leitores críticos e a não aceitarem o que está escrito como verdade absoluta, até porque, se observarem várias versões de um fato, será possível notar o quão diferentemente cada meio de comunicação lida com um tema. Dependendo da fonte, nem vai parecer tratar-se do mesmo fato, de tão contrastantes que são as abordagens.

Ao mesmo tempo, os indivíduos que já saíram do mundo acadêmico, muitas vezes, ficam à mercê do escritor e apenas absorvem e repassam a ideologia contida em cada texto. A falta de leitura crítica traz sérias consequências para a sociedade, pois a ideologia da classe dominante é reforçada por meio de uma

linguagem quase imperceptível e manipuladora, a qual define a quem pertence o poder e quem deve continuar a ser passivo e obediente.

Fairclough (2001: 126) relaciona sua concepção de discurso à análise do capitalismo ocidental defendida por Gramsci. Conceitua hegemonia, mostrando o quanto a sociedade economicamente definida exerce poder e trata das relações de dominação e subordinação que assumem formas econômicas, políticas e ideológicas.

O conceito de hegemonia nos auxilia nessa tarefa, fornecendo para o discurso tanto uma matriz – uma forma de analisar a prática social à qual pertence o discurso em termos de relações de poder, isto é, se essas relações de poder reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemonias existentes – como um modelo – uma forma de analisar a própria prática discursiva como um modelo de luta hegemônica, que reproduz, reestrutura ou desafia as ordens de discurso existentes. Isso fortalece o conceito de investimento político das práticas discursivas e, já que as hegemonias têm dimensões ideológicas, é uma forma de avaliar o investimento ideológico das práticas discursivas.

O discurso é considerado uma forma de controle social e o discurso jornalístico – gênero textual a ser tratado neste trabalho – é visto por Van Dijk (2010: 53) como modalidade de narrativa, porém, além da descrição dos eventos atuais, emitem-se opiniões que representam as elites do poder, sejam elas políticas, econômicas, ou sociais. Esse gênero mostra e sustenta, mesmo veladamente, por meio da ideologia, a quem pertence o poder, mas ao mesmo tempo produz formas de resistência por parte de alguns grupos.

Ester Marques, professora adjunta do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, mestre em Comunicação e Cultura pela UnB e doutoranda em Ética e Discurso Jornalístico pela Universidade Nova de Lisboa – no artigo “Estruturas do discurso jornalístico”, afirma que esse tipo de discurso, embora possa ser questionado, não suscita dúvida sobre se é mais ou menos verdadeiro:

O discurso jornalístico é sobretudo o relato dos acontecimentos que tiveram lugar recentemente, relato que é produzido como notícia e que circula regularmente no nosso dia a dia através dos diferentes dispositivos da informação. É, por isso, o resultado de um processo social de construção da realidade, definido por certas condições factuais, regras e convenções narrativas que vão desde as regras sintáticas e semânticas até as normas ético-pragmáticas do falar. São estas regras e convenções que funcionam como estruturas do discurso jornalístico e que constituem os pressupostos de um contrato de leitura entre o jornalista e o leitor.

Assim, o discurso jornalístico é um discurso narrativo, cuja palavra assume características análogas a do verbo divino (confere o ser): tudo aquilo que é, é discurso e, neste caso, é um discurso oracular, legítimo, acima de qualquer suspeita. Os acontecimentos aos quais ele nos reporta, por mais controversos que sejam, são apresentados sempre como uma verdade consumada, sobre a qual há de haver um consenso solidamente estabelecido. Os sujeitos podem até questionar se um acontecimento é mais ou menos sensacionalista, mais ou menos bem escrito, mais ou menos bem acabado, mas ninguém questiona se é mais ou menos verdadeiro ainda que a verdade seja a versão proposta pelo jornalista.

(Estruturas do discurso jornalístico. www.intercom.org.br).

Diferentemente de Marques, Antonio Francisco de Freitas, no artigo “Análise do discurso jornalístico: um estudo de caso”, explora outro lado do discurso jornalístico e explana a respeito do quanto, em um veículo de comunicação, há pressões devido a busca de interesses em diversos aspectos, a ponto de modificar ao extremo as notícias:

As pressões num veículo de comunicação são muitas e muito grandes, pois o jogo do poder, do interesse político, econômico e o controle ideológico são sentidos de forma clara pelos profissionais de comunicação, que lutam para divulgar os fatos, porém, seus textos, quando publicados, são pasteurizados ao extremo, e, no final, não raramente, o público terá uma tênue informação sobre o fato. Muitas vezes, o que é dito tem pouco significado. O sentido do discurso, em muitos casos, está no não dito, ou seja, nas entrelinhas, nos pressupostos e subentendidos. No que não foi divulgado ou no que está implícito nas matérias jornalísticas.

(Análise do discurso jornalístico: um estudo de caso.

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/freitas-antonio-dicurso-jornalístico.pdf>)

Sabe-se da inexistência de textos neutros, pois quem escreve certamente imporá sua ideologia, mesmo que implicitamente. Azeredo (2008:9,93), considera uma informação implícita se ela puder ser deduzida de outras por meio de algum tipo de associação ao contexto sociocomunicativo. A informação será pressuposta, se for uma condição lógica da validade do enunciado, ou seja, não precisa ser exposta, pois já se tem noção de sua existência por meio das outras palavras na

sentença. Por exemplo, na pergunta: “A que horas você limpou a casa?”, pressupõe-se que a casa foi limpa, embora não se tenha expressado isso.

Fairclough (2001:203) trata da manipulação da linguagem a serviço dos indivíduos, ao empregar intencionalmente a polidez na linguagem para defender as faces dos participantes de um discurso, assim mascarando as possíveis ameaças de seus atos de fala. Na página 117, o autor defende a respeito das ideologias:

Entendo que as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas, sentidos, das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.

Percebe-se o quanto a ideologia é poderosa em um discurso, pois produz, reproduz e transforma opiniões que interessam disseminar entre os leitores. É ela que faz o destinatário da mensagem se revoltar com a corrupção ou com o assassinato de um pai de família. Tudo depende da escolha de palavras feita pelo escritor. O efeito de sentido causado por essa decisão é uma arma potente.

1.2 Intencionalidade na escrita das notícias

Em um noticiário, o editor, a pedido ou não da empresa, tomará partido de um dos lados da história e se utilizará de meios para convencer o público a concordar com ele. Pode exagerar algo de bom que o lado escolhido fez ou amenizar uma má ação cometida, tudo por meio da simples troca de um termo por outro.

Ao ler um texto, principalmente o jornalístico, o leitor depara com uma série de ideias, em que são defendidos interesses individuais, coletivos e até institucionais. Muitas vezes, passa despercebida a intenção do autor ao reportar as

notícias. Por isso, é tão importante falar de intencionalidade. Para Camocardi (2003:29):

A consciência da variabilidade linguística tem levado produtores de textos argumentativos, como jornalistas, publicitários, políticos, a criar registros verbais adequados ao público que pretendem atingir. Trata-se de adequar o código comum ao que se entende como a variável mais eficiente para a criação de certos efeitos de sentido; tratando-se do texto argumentativo, o efeito buscado é a **persuasão** ou **convencimento**.

Faraco e Tezza (2003:155) também comentam a respeito da intenção na escrita de um texto, igualando a sua importância com a de saber sobre qual assunto se está escrevendo. Afirmam que diferentes tipos de texto podem surgir de um mesmo assunto, pois a estrutura do texto – que consiste “em seleção do vocabulário, extensão da sentença, organização dos parágrafos etc.” – é modificada por meio da intenção de quem escreve.

1.3 Situacionalidade e coerência: o sentido do texto

Um texto é formado por palavras, mas, se estas estiverem dissociadas do restante, não apresentarão sentido algum. As imagens também têm grande importância no contexto de uma notícia e podem ocasionar mudança de sentido. Segundo Vieira, “[...] no discurso contemporâneo, as imagens passam a compor o sentido dos textos juntamente com a modalidade escrita, com forte carga semântica e ideológica, deixando de apresentar caráter meramente ilustrativo”. (VIEIRA et al, 2007, 86).

Nenhum enunciado ou texto deve ser analisado isoladamente; antes, tem de ser contextualizado para se encontrar a significação exata das palavras. Camara Jr. (1981:84) compara a significação de um lexema a um pano furta-cor do qual a tonalidade depende da posição em que a pessoa se coloca em relação a ele. O

sentido da palavra e sua evolução são estudados pela semântica e, segundo Camara Jr. (1981: 214, 215), ela pode ser descritiva (sincrônica) – na qual se estuda a significação atual das palavras – e histórica (diacrônica) – que estuda as mudanças de significação delas no decorrer do tempo.

Cada vocábulo tem uma carga semântica diferente, mesmo os considerados sinônimos. O sentido deles depende dos outros lexemas que estão ao seu redor, ou seja, do contexto no qual estão inseridos. Embora Bergo (1986:182) afirme que sinônimo é um termo diferente, mas que tem o mesmo sentido, mais adiante ele admite que a sinonímia é relativa, pois uma palavra pode equivaler a outra, porém em uma situação diferente, ter outro sentido. O *Dicionário online Caldas Aulete* classifica sinônimo como “Palavra ou expressão, que possui sentido parecido, com o de outra palavra, ou expressão (p.ex.: *fraco / débil, à toa / ao acaso*)”. Aulete emprega o termo *sentido parecido*, reforçando mais uma vez o fato de nem sempre a mudança de uma palavra por outra causar o mesmo efeito no texto.

O sentido é o conteúdo significativo de uma palavra e pode ser, conforme Bergo (1986:179), próprio ou figurado. O sentido próprio está relacionado à denotação – sentido estrito, como no dicionário – e o sentido figurado, à conotação – é mais metafórico ou metonímico. Azeredo (2008: 406; 407) complementa o conceito de denotação, definindo-a como o conhecimento partilhado pelas pessoas em qualquer contexto, que apenas descreve o significado de cada palavra, assim como no dicionário, não cedendo espaço para o sentido figurado. A conotação, por sua vez, associa-se intensamente às figuras de linguagem, pois, de acordo com o que Azeredo defende, “certas palavras são conotativamente mais marcadas do que outras, na medida em que revelam juízos de valor de maneira mais ostensiva”. O

autor associa a conotação ao efeito de sentido que uma palavra causa em determinado contexto, de acordo com a cultura do local onde se utiliza o termo, ou seja, a carga semântica que ele possui naquela região. Ramalho e Rezende (2011:75) também discorrem a respeito do assunto:

A relação entre as palavras e o significados não é uma constante trans-histórica, ao contrário, muitos significados potenciais são instáveis, o que pode envolver lutas entre atribuições conflitantes de significados – e a variação semântica é vista como um fator de conflito ideológico, pois os significados podem ser política e ideologicamente investidos.

Algumas frases ou palavras são ambíguas ou polissêmicas, ou seja, são abertas a várias interpretações, dependendo de cada leitor, pois cada um infere o texto de um modo, de acordo com suas experiências e com o nível de intimidade com a língua ou com dada cultura. Por exemplo, o vocábulo *rebola* pode significar *mexer o quadril (requebrar), trabalhar duro ou jogar, devolver*, no entanto, só é possível conceber o seu significado em um contexto. Na frase: *Rebola essa sandália pra mim* (supondo-se que o irmão pegou a sandália do outro, que está requisitando o objeto de volta), o verbo significa ‘jogar’ ou ‘devolver’. Na música do MC Naldo: *Rebola Tu gosta, vai até o chão, manhosa*, por outro lado, a mesma palavra significa ‘requebrar’, enquanto um estudante ao dizer: *Eu rebolei pra conseguir passar nessa prova*, informa que ‘se esforçou muito’, estudou bastante para atingir seu objetivo. Brandão (1989: 9) explana a respeito desse assunto:

É extremamente grande a gama de variações possíveis nas formas de relacionamento entre significantes e significados. Palavras ou enunciados diferentes podem ter: a) o mesmo sentido ou sentidos aproximados (sinônimos), b) sentidos opostos (antônimos), da mesma maneira que c) palavras ou enunciados semelhantes no som (parônimos) ou d) iguais no som e na forma gráfica (homônimos) podem não ter sentidos idênticos. Isso equivale a dizer que semelhança ou diferença entre duas expressões ou dois sentidos não implicam necessariamente em semelhança ou diferença mútuas. Mas há ainda outros complicadores. Em dada cultura certos vocábulos podem ter um sentido que em outra cultura seria impensável. [...] Por outro lado, o mesmo vocábulo pode apresentar sentidos diferentes dependendo dos outros termos com que interage seja em contextos distintos, seja no interior.

1.4 Semântica e efeito de sentido na linguagem figurada

O verbo utilizado como exemplo no tópico anterior, *rebolar*, comprova o quanto o mesmo termo pode exercer vários sentidos em diversas situações e que, às vezes, ele está no sentido figurado. O *Dicionário online Caldas Aulete* explica a diferença entre denotação, conotação, sentido literal e figurado:

De.no.ta.ção: 1. Ação ou resultado de denotar.

2. Ling. Significado básico e objetivo de uma palavra, um signo, um símbolo etc., sem derivações, sentidos figurados etc. [Opõe-se a conotação.] [...]

Co.no.ta.ção: 1. Ideia ou sentimento que uma palavra ou coisa pode sugerir; significado suplementar que se atribui a uma palavra, expressão ou objeto, por se estabelecer algum tipo de associação com outras palavras, objetos e seres, ou outros contextos e situações, além daqueles presentes ou referidos diretamente.: Os termos mente e espírito *podem ser sinônimos, mas cada um tem conotação diferente.*

Li.te.ral: [...] 2. Que reproduz letra por letra, palavra por palavra de um texto ou de uma parte dele; que reproduz um texto ou uma fala na sua integridade;

3. Diz-se do sentido, do significado primeiro, genuíno de uma palavra, aquele que lhe é próprio, que não é fruto de evoluções semânticas nem resulta de combinações textuais: Usou a palavra no seu sentido literal

4. Conforme o sentido próprio ou genuíno da(s) palavra(s) (empregada[s]), e sem o recurso ou a intenção do uso figurado (uso literal)

5. Que é feito, interpretado, entendido ou reproduzido ao pé da letra, à risca, em sentido estrito (sem atentar para questões contextuais ou para o uso figurado de certos termos): tradução excessivamente literal

Fi.gu.ra.do:[...] 3. Ling. Ret. Diz-se do sentido, da linguagem ou do estilo que se valem da metáfora, da metonímia; HIPOTÉTICO; SIMBÓLICO; ALEGÓRICO: Abismo, em sentido figurado, significa também uma grande distância.

A área que estuda o significado dos vocábulos no momento atual – estática – ou a evolução deles no passar dos anos – histórica – é a semântica, que pode ainda ser etiológica, de acordo com Almeida (1999:381), quando as causas dos fenômenos semânticos são estudadas. O autor faz referência à ênfase, que restringe o sentido de uma palavra, e às figuras de pensamento ou de retórica, as quais ocasionam a extensão do sentido. Almeida discorre a respeito de cada uma: sinédoque, metonímia, metáfora, eufemismo, hipérbole, prosopopéia, perífrase.

A fim de obter o sentido almejado no seu texto, o escritor apossa-se das figuras de linguagem, que somente *possuem vida* dentro de um contexto situacional.

Na *Gramática Houaiss da língua portuguesa* (2008: 483), elas são definidas como:

[...] formas simbólicas ou elaboradas de exprimir ideias, significados, pensamentos, etc., de maneira a conferir-lhes maior expressividade, emoção, simbolismo etc., no âmbito da afetividade ou da estética da linguagem. Portanto, é interessante ter em mente que as figuras de linguagem não valem por si mesmas, como elementos autônomos sem qualquer relação com a semântica do texto.

1.5 Figuras de linguagem: hipérbole e eufemismo

As figuras de pensamento fazem parte das figuras de linguagem e são, segundo Azeredo (2008: 496-506): símile, paradoxo, antítese, oximoro, hipérbole, gradação, eufemismo, disfemismo, antífrase, lítotes, prosopopeia, enálage, preterição e sinestesia. Será dada maior importância a apenas duas figuras. Uma é a *hipérbole*. Segundo Charaudeau e Maingueneau (2006: 262):

Hipérbole – do grego *hyperbolé*, “excesso”: o termo aplica-se de fato a qualquer formulação “excessiva” em relação ao que se pode supor a respeito da intenção comunicativa real do locutor. Como “hiper-asserção”, a hipérbole opõe-se a outra “figura*”, a lítotes* (que é uma “hipo-asserção”).

O que é pertinente para a identificação da figura, no caso de uma hipérbole como no da lítotes, não é o conteúdo informacional da sequência, mas sua *orientação* argumentativa*: “eu a tive por um segundo” (no lugar de “por pouco tempo”), “uma palavra” (por “em poucas palavras”), “está a dois passos” (por “não está longe”), “não há absolutamente ninguém” (por “há poucas pessoas”) são hipérbolos e não lítotes, donde essa definição de Fontanier (1968:123): “A hipérbole aumenta ou diminui as coisas em excesso, e as apresenta bem acima ou bem abaixo daquilo que são, não com a finalidade de enganar, mas de levar a própria verdade, e de fixar, pelo que é dito de inacreditável, aquilo em que é preciso realmente crer”

A outra figura, de função atenuante, é a chamada de *eufemismo*, assim conceituada por Charaudeau e Maingueneau (2006: 226):

Eufemismo – O eufemismo assemelha-se à lítotes*, mas, enquanto essa última é uma expressão atenuada, o eufemismo – do grego, *euphêmein*, “dizer palavras de bom augúrio” (segundo Benveniste, 1966: 308) – é uma expressão *ornamentada*. Dumarsais(1988:158) definiu essa figura com aquela “pela qual mascaram-se idéias desagradáveis, odiosas ou tristes, sob nomes que não são os nomes próprios dessas idéias. Esses nomes

lhes servem como véu e as tornam, em aparência, mais agradáveis, menos chocantes, mais honestas, segundo a necessidade”

O Brasil passa pelo momento histórico do “politicamente correto”, por isso se usa muito o eufemismo para ser mais polido ou respeitoso. Palavras empregadas normalmente há alguns anos tornaram-se tabus e houve a necessidade de substituições por termos eufêmicos. Trocou-se *empregada doméstica* por *secretária (do lar)*, *prostituta* por *profissional do sexo*, *acompanhante* e até mesmo por *massagista* (razão pela qual as *massagistas* se tornaram *massoterapeutas*), *negros* por *afrodescendentes*, *drogado* por *usuário*, *homossexual* por *homoafetivo*, *morrer* por *partir*, *cego* por *deficiente visual*, *deficiente* por *portador de necessidades especiais*; *pobre* virou *humilde* e a mulher que antes *ficava menstruada*, hoje, *está naqueles dias*. Porém, as mudanças não terminam, essas expressões estão em constante discussão. Outros exemplos serão apresentados posteriormente, mas todos têm a mesma função, a de abrandar o sentido, deixá-lo menos chocante, agressivo, preconceituoso e apresentável para o público.

Resende e Ramalho (2011:52) citam Thompson (1995: 81-9) por meio de um quadro-resumo, no qual fazem a análise das construções simbólicas ideológicas e defendem a dissimulação como um dos modos gerais de operação da ideologia – em que “relações de dominação são ocultadas, negadas ou obscurecidas”. Ela (a dissimulação) é manifesta por meio do deslocamento contextual de termos e expressões; da eufemização (valoração positiva de instituições, ações ou relações); e do tropo (sinédoque, metonímia, metáfora).

A hipérbole, por sua vez, que é muito utilizada em jornais sensacionalistas, traz o efeito contrário ao do eufemismo, pois choca, apavora, provoca ira, chama a atenção para o noticiário. Assim, persuade o leitor, que é induzido a ler a notícia e a concordar com tudo aquilo.

A respeito desse assunto, Dijk (2010: 31) justifica o fato de, em uma de suas obras, ter analisado uma cobertura jornalística como racista por meio de argumentos, entre eles, o de que hipérboles e metáforas foram utilizadas para enfatizar as ações negativas dos jovens negros, enquanto os eufemismos atenuaram as da polícia.

Tudo isso comprova o ponto de vista defendido nesta monografia, de que nada, em uma notícia, é escrito inocentemente. Sempre há um propósito por trás do texto e cabe ao leitor inferi-lo, mas é necessário, para isso, perceber as intenções do autor e contextualizá-las. Dijk (2010: 32) conclui:

Assim, podemos concluir que para cada prática discursiva precisamos examinar cuidadosamente os contextos, normas e valores específicos que definem a prática adequada. Entretanto, como regra geral, podemos falar do uso ilegítimo do poder discursivo, isto é, da dominação, se esse discurso ou suas possíveis conseqüências sistematicamente violam os direitos humanos ou civis das pessoas. Mais especificamente, esse é o caso se tal discurso promove formas de desigualdade social, como quando favorece os interesses dos grupos dominantes em detrimento dos interesses dos grupos não dominantes, precisamente porque estes não têm acesso ao discurso público.

Um texto não pode ser restrito à aplicação de regras gramaticais; é necessário compreendê-lo em sua essência, como um instrumento de comunicação e de interação. Em outras palavras, um discurso transmitido tem de ser analisado criticamente, e não apenas aceito.

Marcuschi (2008:65) defende que a língua não é um sistema abstrato e homogêneo, mas é heterogênea, social, histórica, cognitiva, indeterminada, variável, interativa e situada. Logo, um jornal, dependendo do seu público-alvo poderá de utilizar mais eufemismos ou mais hipérboles, escolhendo a linguagem mais coerente e adequada.

A partir de então, é possível perceber que dificilmente haverá um texto neutro no jornalismo e que, por trás dele, há uma série de ideias e informações implícitas: a intenção do autor, o partido político, a religião, o sexo, a idade, a

posição social, o cargo no emprego, a estrutura familiar, a empresa para a qual trabalha, a cultura, entre outras.

Ao ler um noticiário, é importante observar o contexto histórico, político e social dele, pois nada será escrito ao acaso e sem finalidade específica. O contexto é responsável por dar sentido ao texto e surgirá da necessidade de expor e argumentar sobre algo para alguém. Na obra *Funções da Linguagem*, Chalhoub (2006, p.12) fala a respeito de argumentação, defendendo que não há textos neutros e que o leitor sempre é persuadido a pensar como o escritor:

Porém, mesmo em textos altamente impessoais, algo se marca: a argumentação, por exemplo, é uma forma de persuadir o receptor do ponto de vista do emissor. Concorrem, portanto, três funções de linguagem. No editorial, pontua-se tanto a posição da empresa jornalística diante do fato discutido, como a tentativa de fazer o leitor concordar com o argumento. Barthes já dizia que o signo não é neutro...nem inocente.

1.6 O revisor de textos

Alguns autores distinguem as funções de revisor, copidesque e editor. O revisor de textos já foi caracterizado como um simples caça-erros. De acordo com Pinto (1993:125), "teria por incumbência o cotejo da prova com o original sem compromisso com o conteúdo do texto e limitado apenas aos erros tipográficos". Ribeiro (2007), em seu trabalho *Em busca do texto perfeito: (in)distinções entre as atividades do editor de texto e do revisor de provas na produção de livros*, cita Malta como o único autor que propõe um manual a respeito das tarefas de um revisor:

Entre os autores consultados, MALTA (2000) é o único que oferece um manual quase todo para tratar apenas do ofício de revisor, cujas tarefas ele define como sendo as de:

- Revisar os originais aprovados para edição pelas editoras;
- Revisar (se tiver conhecimento de outros idiomas) as traduções, cotejando-as com os livros originais);
- Revisar as segundas provas, tomando como base as primeiras e, quando necessário, reportando-se aos originais (inclusive, ainda se preciso, ao livro);
- Revisar (menos comum, mas ocorre) terceiras provas, tendo como base as segundas;

- Examinar (a palavra “revisar” não caberia bem aqui) as heliográficas (não é muito comum, mas se o revisor for funcionário de uma editora, acabará fazendo esse trabalho);
- Revisar (incomum, mas acontece) filmes que deram ou darão origem a heliográficas; e, finalmente,
- Reler livros já publicados, em função de modificações que o autor quer fazer para uma nova edição, ou quando se desconfia que a edição publicada contém erros. (MALTA, 2000, p. 16).

O copidesque retrabalha o original. Coelho Neto (2008:139) define a atividade desse profissional como mais complexa que a de revisão, não limitada apenas à correção ortográfica e gramatical, mas também relacionada à clareza e adequação às normas editoriais. O mesmo autor, na página 147, defende que o valor pago ao revisor deve ser menor do que ao copidesque, pois este sofre mais exigências, além de, em alguns casos, reescrever o texto, até mesmo, “traduzir” o pensamento do autor.

Por outro lado, o editor tem mais autonomia, pois pode tirar páginas, modificar para tornar o texto mais “vendável”. Ribeiro, no texto mencionado no primeiro parágrafo dessa seção, reforça que, se necessário, o editor pode “preencher lacunas no texto, dar novos enfoques, corrigir e dinamizar parágrafos, esclarecer e desenvolver explicações, dar títulos ou alterá-los [...]”.

O fato é que é muito difícil, hoje, separar essas tarefas, delimitar onde uma começa e onde a outra termina. Risoleide de Oliveira, em *Revisão de textos: da prática à teoria*, argumenta:

Em uma perspectiva tradicional, a revisão é vista como uma etapa subsequente à produção escrita, principalmente de alunos, com o objetivo principal de corrigir o texto e detectar transgressões nas convenções da norma culta. Tal concepção é pautada no senso comum de que revisar resume-se a corrigir ortografia, pontuação, concordância verbal e nominal, de acordo com normas apontadas em gramáticas, dicionários e manuais, sendo a revisão tratada como uma das etapas de reescritura em que se focalizam os aspectos estruturais do texto. (Oliveira, 2010: 17)

No *Dicionário online Caldas Aulete*, o significado de revisar é “Ler (originais) para corrigir-lhes os erros; Rever”. A revisão de um texto, porém, vai muito

além da simples correção ou da caça pernóstica aos erros. O revisor pode mudar completamente o sentido, o enfoque que o escritor buscava, e amenizar o impacto desejado por meio da simples troca de um termo. Como raramente há sinônimos perfeitos, uma vez que cada palavra tem seu peso, a mudança de um vocábulo gera modificação no sentido. Pinto (1993:14) diz, a respeito do vocabulário e das repetições de palavras:

Um bom texto prima pela precisão vocabular. Em princípio, cada palavra tem um significado exclusivo, próprio. Um texto crivado de palavras repetidas pode revelar pobreza de idéias ou de vocabulário. Há palavras, como as preposições, as conjunções, os verbos auxiliares, que geralmente não permitem fugir a esse esquema, pois são elos básicos de estruturação da frase ou do pensamento linear. Há também casos em que a repetição de palavras é necessária para a clareza do enunciado, mas, quando essas repetições se tornam gratuitas, devemos apelar para os sinônimos. Não havendo sinônimos perfeitos, o jeito é modificar a frase para conseguir nova expressão da mesma idéia.

No entanto, para modificar a frase, e mesmo assim conservar a ideia da original, seria necessário parafraseá-la, o que traz o risco de mudar o sentido desejado pelo autor. O professor Sander Junior P. de Oliveira propõe uma reflexão sobre o papel do revisor e faz, em seu *site*, um debate intitulado como *Discussão sobre os textos de Ana Elisa Ribeiro*:

Como se pode ver "revisão" não é tão-somente uma questão de corrigir falhas de ortografia ou concordância, mas também de burilamento da estrutura e da exposição. Erros de concordância, regência, colocação e pontuação podem ser corrigidos impunemente, sem que a substância da mensagem seja modificada. No caso de "infrações textuais", que podem acontecer por descuido do autor ou, por outro lado, em razão de um especial domínio do idioma por parte dele, é preciso muito cuidado com a revisão.

O fato é que deve ser preservada a autenticidade e a fidedignidade do original. Por isso, é preciso consultar o autor para saber se as alterações com vistas a uma melhor formulação do original não agredem a substância da mensagem que ele tem em mente, principalmente no caso de passagens obscuras. O perigo a evitar é que, não sendo o preparador um bom conhecedor da matéria, se subverta, altere ou mesmo inverta o sentido de trechos ou, ainda, se provoque uma matização não desejada pelo autor. Dessa forma, principalmente em casos mais críticos, o que se faz necessário é que sempre haja um diálogo entre o preparador de texto e o autor.

<https://sites.google.com/site/revisaodetextosporsanderjunior/home/discussao-sobre-os-textos-de-ana-elisa-ribeiro>

Tudo isso só confirma o que tem sido observado no decorrer de todo esse trabalho: a escolha das palavras é de fundamental importância para que o texto transmita ao leitor o que o autor realmente quer dizer. Dependendo do modo como elas são colocadas em relação aos outros termos, o sentido delas pode ser alterado completamente.

O processo de revisar um texto é um trabalho delicado e exige cautela. O revisor tem de estar atento a tudo isto: o tipo de folha ideal, a fonte, o tamanho, as cores, as imagens (se houver), ao contexto, público-alvo etc. Coelho Neto (2008: 108) recomenda ao revisor atenção aos seus limites. Esse profissional jamais pode alterar seu objeto de trabalho sem a autorização do verdadeiro autor, pois o revisor não é um co-autor. Ildete Pinto defende que o estilo do autor tem de ser preservado:

Estilo é a maneira peculiar de o autor exprimir seus pensamentos. São imprevisíveis os recursos de que ele pode se valer para conseguir efeitos expressivos, como, por exemplo, o emprego de um tempo verbal por outro a mudança da forma de tratamento para indicar alteração de estado psicológicos de personagens, a concordância ideológica, o infinitivo flexionado para ressaltar a pessoa sobre a ação, as figuras' de palavras e de construção, etc. Interferir nesses recursos sem perceber as intenções do autor é deturpar-lhe o escrito. Pinto (1993: 9-10)

É importante ressaltar, ao mesmo tempo, que o revisor tampouco é um simples conferencista (confere palavra por palavra para verificar se há erros ortográficos ou de pontuação). O trabalho do revisor seria, então, o de alertar o autor dos possíveis sentidos que o seu texto pode trazer, e quais são as impressões que ele deseja causar por meio do que escreveu, por isso é necessário que eles interajam. O profissional da revisão tem de estar atento não só às regras gramaticais (morfossintaxe e grafia), mas também às relações de sentido (semântica), porque as áreas têm de estar afinadas para evitar erros, ambiguidades e aberrações. Ana Elisa Ribeiro, no texto *Revisão de textos e "diálogo" com o autor: abordagens profissionais*

do processo de produção e edição textual, discorre acerca da necessidade de interação entre autor e revisor:

Diversos são os profissionais que têm o texto como atividade central. Nem sempre suficientemente preparados para a atuação, eles normalmente aprendem em serviço muitas formas de driblar adversidades (por exemplo, prazos, custos e o descaso com seu trabalho), além de maneiras de atuar propriamente no texto. Os níveis de negociação com o autor e o debate sobre o texto são muitos, em nuances difíceis de distinguir. Os ajustes são feitos à medida que se ganha experiência, no contato com editores e autores, entre outros profissionais da edição. Utilizar metalinguagem ao propor alterações textuais certamente implicará certa antipatia nas negociações, tanto com alunos quanto com clientes. Ora é preciso resolver problemas, com certa atitude desprendida; ora é interessante conversar e negociar propostas de alteração, com certa orientação pedagógica, no sentido de que revisor e autor aprendem sobre aspectos da textualidade nesta interação.

(<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2050-1.pdf>)

Diante de tudo que foi exposto, chega-se à conclusão de que, entre as várias atribuições do revisor, estão: possuir um vasto domínio da norma culta da língua e adquirir um extenso vocabulário. O papel desse profissional é determinante para a preservação do sentido do texto: se uma palavra provoca a diferença significativa no impacto de uma notícia, principalmente nas manchetes dos jornais, o revisor deverá prever efeitos de sentido de atenuação ou de exagero, ao manter ou propor a supressão do vocábulo. Além disso, ao se fazer a revisão de um texto, é necessária a consciência de que sua atuação tem um limite e as mudanças dos termos têm de ser feitas com o consenso do autor, conforme Oliveira (2010:86): “[...] sendo a decisão de mudar ou adequar construções ou palavras tomadas conjuntamente, e não uma atitude solitária do revisor, pois o texto tem autoria, e esta deve ser respeitada”.

2 ANÁLISES DE DADOS

Neste capítulo, serão analisados textos jornalísticos de variados temas e também será feita a comparação de notícias que se referem ao mesmo assunto, porém com abordagens diversas, por terem sido escritas por pessoas diferentes e cada uma com suas intenções idiossincráticas.

É inegável que, na maioria das notícias, há numerosas ocorrências de metáforas, porém as duas figuras de linguagem que serão enfatizadas no decorrer das análises são o eufemismo e a hipérbole – consideradas metáforas da atenuação e do exagero, respectivamente. Em grande parte dos textos, o modo como as palavras estão dispostas é o que causa esse efeito de sentido.

A tese defendida anteriormente de que não há textos neutros será confirmada por meio das reportagens trabalhadas a seguir. Elas foram ordenadas em parágrafos numerados para facilitar a localização dos comentários. A íntegra dos textos, para consulta, encontra-se no Anexo.

2.1.1 ANÁLISE DO TEXTO 1

TEXTO 1

DEZESSEIS PALAVRAS QUE CHORAM

Uma frase do governador do Distrito Federal transforma-o em réu de duplo crime: racismo e atentado ao idioma

(1) O governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz, deve ser condenado por crime de racismo? Desde o último dia 31, quando, em evento na cidade-satélite de Brazlândia, ele qualificou como "crioulo" um cidadão que o hostilizava, a questão está posta. O PT de Brasília, acérrimo adversário do governador, iniciou processo contra ele. Se as palavras de Roriz merecem ou não condenação será o nosso tema, mas antes detenhamo-nos na frase por inteiro, que aqui vai reproduzida em maiúsculas e num parágrafo à parte, para lhe realçar o sabor:

(2) – ALI ESTÁ UM CRIOULO PETISTA QUE EU QUERO QUE VOCÊS DÃO UMA SALVA DE VAIA NELE.

(3) A frase, mesmo que não contivesse o "crioulo", já seria um assombro. Suas dezesseis palavras configuram um pandemônio sintático. Do primeiro "que" ao "nele" do final, passando pelo "dão" em vez de "dêem" e à "vaia" em vez de "vaias", há atentados de toda ordem contra a língua portuguesa. O conjunto todo é de levar o professor Pasquale a nocaute. Menção de honra vai para a "salva de vaia". A "salva" que se conhece é de palmas. Roriz inventou a "salva de vaias" – ou, melhor ainda, "de vaia". De todo modo, o cerne da questão está no "crioulo". Ele revelaria não apenas um transgressor da gramática, mas da lei. Vejamos as linhas de defesa de que disporia o governador.

(4) Crioulo, ao contrário do que geralmente se pensa, não quer dizer "negro". Ou melhor: na origem, não quer dizer negro. Quer dizer: "cria da terra", "filho do local". A palavra proviria de "criadouro". Com o tempo, perdeu um "d" aqui e um "r" ali, ganhou um "l" e virou crioulo. No Brasil da escravidão, o crioulo se opunha ao africano. Este era o escravo ainda de primeira geração, nascido na África. O crioulo era o já nascido no Brasil, filho de uma escrava *que deu cria*. Esse sentido se aparenta ao dos países hispano-americanos, onde "criollo", nos tempos coloniais, era o habitante nascido na colônia – o branco, não o negro nem o índio –, em oposição ao que nascera na Espanha. Também se aproxima do "créole" francês, palavra usada para identificar o dialeto falado nas colônias, mistura do francês com línguas locais. Ou seja: uma língua *criada* no local.

(5) Dito isso, temos um primeiro argumento em favor de Roriz. Ele não estaria dizendo "Ali está um negro petista etc.", mas sim "Ali está um filho desta terra..." Já que estamos no afã de refazer-lhe a frase, poderíamos ir além, e corrigi-la também no português, para ficar mais palatável aos julgadores. Ela ficaria assim, igualmente em maiúsculas e num parágrafo isolado:

(6) – ALI ESTÁ UM FILHO DESTA TERRA, POR SINAL PETISTA, PARA O QUAL PEÇO QUE VOCES DESTINEM UMA SONORA VAIA.

(7) Não pegou? Tal linha de defesa soa forçada? Há outra. A de que tudo não teria passado de brincadeira. Esta é, na verdade, a linha que está sendo usada por Roriz. Ele conheceria o "crioulo" em questão, e a palavra com que se referiu a ele representaria uma fórmula carinhosa. O governo do Distrito Federal até identificou o destinatário da frase. Seria um certo Marinalvo Nascimento, cabo eleitoral do deputado distrital Edimar Pirineus, atual secretário do Desenvolvimento Econômico de Roriz. Outro secretário do governo, Wellington Moraes, da Comunicação, explicou: "O governador sempre brinca desse jeito com as pessoas mais simples".

(8) Eis-nos diante de argumento muito usado pelos acusados de racismo verbal. "Crioulo", assim como "negão", seria manifestação de carinho. Talvez existam, mas são sem dúvida raros os casos em que um negro manifesta o apreço a um branco chamando-o de "brancão". Mas branco chamar negro de "negão" pode. Acresce, no caso de Roriz, que ele reserva suas fórmulas carinhosas, segundo seu secretário de Comunicação, às "pessoas mais simples". As pessoas mais complexas, infere-se, delas são dispensadas. Aceitemos as alegações do governador. Era um amigo, e foi brincadeira. Mas o amigo, o tal Marinalvo Nascimento, não é um correligionário? Sem dúvida. É até cabo eleitoral de um próximo companheiro do governador. Por que cargas d'água, então, foi Roriz chamá-lo de petista? E por que foi pedir uma vaia para ele? Nesse ponto, sempre no afã de oferecer linhas de defesa ao governador, resta alegar que ele foi vítima de

dois lapsos de linguagem. Quando disse "petista", o que quis dizer é que não se tratava de um petista. Faltou o "não", só isso. Quanto às vaias... Já não se disse acima que quem diz "salva" quer dizer sempre "salva de palmas"? Pois foi isso que o governador quis dizer. Por um lapso, trocou "palmas" por "vaias", mas o que quis dizer mesmo foi "palmas". O que nos leva à última correção, para que a frase enfim se revista de sua definitiva forma e real significado:

(9) – ALI ESTÁ UM FILHO DESTA TERRA, ALGUÉM LONGE DE SER UM PETISTA, PARA O QUAL PEÇO QUE VOCES DESTINEM UMA SALVA DE PALMAS.

(10) Conclusão: Roriz deve ser condenado não por racismo, mas porque não sabe o que diz.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. *Revista Veja*, 17 de fevereiro de 2002.

No texto 1, a primeira parte da manchete, “Dezesseis palavras que choram” (TOLEDO, Roberto Pompeu de. *Revista Veja*, 17 de fevereiro de 2002), chama a atenção do leitor e o incentiva a ler o restante da matéria, todavia é impossível, factualmente, palavras chorarem. Trata-se de um exemplo de sentido figurado ou linguagem conotativa, e demonstra, além disso, exagero nesse ato de fala. A hipérbole faz-se presente.

Após atingir o alvo – a atenção do destinatário para a notícia –, o autor explica o que significam essas *Dezesseis palavras que choram*, ao prosseguir com a manchete. Dessa forma, é possível perceber que a causa das “lágrimas” seria uma declaração que o então governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz, fizera.

Uma frase do texto, que é formada por dezesseis palavras, foi responsável por tornar Roriz “réu de duplo crime: racismo e atentado ao idioma”. Sabe-se que *racismo* de fato é crime, mas *atentado ao idioma* remete a mais uma evidência de exagero e comicidade, para despertar interesse na leitura, com o aumento da expectativa por saber quais são essas “dezesseis palavras” que o tornaram um criminoso.

A frase dita por Joaquim Roriz, encontrada no segundo parágrafo, é a seguinte: “– Ali está um crioulo petista que eu quero que vocês dão uma salva de vaia nele.”

Esse político sempre foi conhecido em Brasília por cometer erros crassos de vocabulário, de gramática e de concordância. Nesse caso, seus equívocos foram além da linguagem: percebe-se o quão preconceituoso ele demonstrou ser. Roberto Pompeu de Toledo utilizou uma forma bem-humorada e ao mesmo tempo irônica para relatar a frase de Roriz e explicou a origem da palavra *crioulo*.

Como a análise do discurso considera não apenas o que foi dito, mas busca a intenção do emissor em sua fala e sua ideologia, a palavra *crioulo* traz consigo, implicitamente, o preconceito racial/étnico que os negros têm sofrido há anos no Brasil. Embora signifique *filho do local*, como pesquisou o jornalista, no contexto em tela era uma forma pejorativa de tratar um homem de cor negra.

De acordo com o que foi exposto anteriormente, a palavra pode perder ou alterar seu sentido no decorrer dos tempos, o que é objeto de estudo da semântica. Pode-se, então, chegar à conclusão de que a intenção de Roriz era ofender o homem, e isso pode ser comprovado também pelo fato de o rapaz ser eleitor do PT, ou seja, era “petista”.

A ideologia está sempre presente em um texto, que só é possível de ser interpretado corretamente se houver um prévio conhecimento do contexto ao qual ele pertence. O Distrito Federal por anos foi governado por Joaquim Roriz, que alternava o mandato, contra a própria vontade, com um governador pertencente ao Partido dos Trabalhadores (PT). Isso acabou por gerar rivalidade entre este partido e o de Roriz, na época o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

Outro ponto contextual importante são os “erros” de português cometidos pelo ex-governante, que foram causa de escárnio por parte de seus oponentes.

No parágrafo 3, observa-se mais uma vez a ocorrência da metáfora exagerada, ou hipérbole, nas expressões “pandemônio sintático” e “atentados de toda ordem contra a língua portuguesa”, ao referir-se aos erros de Joaquim Roriz.

Segundo o *Dicionário online Caldas Aulete*, pandemônio consiste em: “1. Fig. Confusão, balbúrdia. 2. Reunião de pessoas com o objetivo de criar tumulto ou prejudicar alguém. [F.: Do ing. *pandemonium*, voc. criado pelo poeta inglês Milton, no *Paraíso Perdido*, para designar o palácio de Satã..]”.

O jornalista, ao fazer uso de *pandemônio*, comparou o vocabulário do político a algo satânico, uma linguagem tumultuada, um mal à língua portuguesa, ao proferir as dezesseis palavras.

A frase *atentados de toda ordem contra a língua portuguesa* é completamente hiperbólica e conotativa, pois não há possibilidade de cometer crimes contra uma língua. O termo *atentado* é definido pelo dicionário acima referido como: “1. Tentativa ou execução de crime contra pessoas, ideias, etc., ger. em nome de uma causa política ou religiosa”. Dessa forma, o autor causa a impressão de que Roriz cometeu um assassinato contra a gramática portuguesa. Aliás, homicídios de todos os tipos como assim exageradamente expresso em *de toda ordem*.

No parágrafo 8, evidencia-se o emprego do eufemismo no cotidiano dos brasileiros, quando Toledo reporta que algumas pessoas referem-se a outras por “crioulo ou negão como forma de tratamento carinhoso.”

Duas ocorrências eufêmicas são observadas na mesma fala do secretário de comunicação de Roriz. Na primeira, ele tenta amenizar a agressão verbal do

antigo governador, tratando-a como uma brincadeira, e na segunda, faz menção a “pessoas mais simples”, ao invés de “pobres”.

Ao final do texto, após argumentar a respeito da afirmação de Joaquim Roriz, o jornalista, obviamente com tom irônico, expõe como seria uma frase aceitável, reforçando tudo que tem sido defendido neste trabalho a respeito de eufemismo.

A sentença, que era: “– Ali está um crioulo petista que eu quero que vocês dão uma salva de vaia nele.”, com lítotes e algumas adequações de Toledo, ficou dessa forma: “– Ali está um filho desta terra, alguém longe de ser um petista, para o qual peço que vocês destinem uma salva de palmas.”

2.1.2 ANÁLISE DOS TEXTOS 2 E 3

A análise a seguir refere-se aos textos 2 e 3, que serão comparados de forma a ratificar o quão tendenciosas são reportagens, notícias e principalmente *blogs* de opinião, como é o caso desses dois exemplares.

TEXTO 2

Blogs e Colunistas: Lauro Jardim
Radar on-line com Gabriel Mascarenhas e Thiago Prado

Religião

FELICIANO CONTRA A GLOBO



Imagem 1

Metralhadora giratória

(1) Marco Feliciano está enciumado com a receptividade que o papa Francisco vem recebendo no Brasil. Agora resolveu comparar-se ao pontífice. Diz Feliciano:

(2)– O papa é político, eu também. Assim como eu, o papa condena casamento de pessoas do mesmo sexo, a descriminalização das drogas e o aborto. Mas, no caso dele, a mídia aplaude. Por que o papa é tratado como popstar, ovacionado, e eu, tão atacado?

(3) Em seguida, o deputado pastor mirou na Rede Globo:

(4)– Onde estava a TV Globo, que não mostrou as manifestações contrárias ao papa, o **beijaço** e etc? Isso é discriminação religiosa contra mim, contra o pastor Silas Malafia e outros.

(5) A Globo, ao contrário do que diz o nobre deputado, cobriu o **beijaço**.

Por Lauro Jardim

Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/religiao/feliciano-diz-ter-opinioes-identicas-as-do-papa-afirma-sofrer-discriminacao-religiosa-e-dispara-contr-a-globo/>.

Acesso em: 26 jul 2013.

TEXTO 3

Blog do Lino

Sociedade

Opinião / visita do papa

PAPA É UM FELICIANO COM MUITO MAIS PODER E O APOIO DA GLOBO

Homofobia, machismo, apego ao dinheiro, religião interferindo no Estado. Os motivos que inspiram o “Fora Feliciano” se aplicam ao papa. Com o agravante de que ele é bem mais poderoso

por Lino Bocchini — publicado 23/07/2013 14:49, última modificação 23/07/2013 16:34



Imagem 2

No Jornal Nacional, fiel chora de emoção ajoelhada diante do microfone da Globo

(1) Os evangélicos estão sendo injustiçados. O tsunami de críticas que atingiu Marco Feliciano, Silas Malafaia e demais líderes evangélicos fundamentalistas se aplica ao papa Francisco e à Igreja Católica. Explico: as mesmas bandeiras conservadoras levantadas pelo presidente da Comissão de Direitos Humanos do Congresso estão no centro da atuação da igreja católica há séculos. E o argentino Mario Bergoglio, agora chamado de Francisco, comunga destes ideais e não se mostra disposto a alterá-los. Pelo contrário.

(2) Vamos por partes:

(3) Primeiro, a homofobia

(4) Muito se reclamou da atuação de Feliciano contra os direitos fundamentais dos homossexuais. A coleção de frases e a atuação do pastor não deixam dúvidas quanto à sua posição. Como é sabido, a igreja católica igualmente condena a homossexualidade, e considera pecado o amor da população LGBT.

(5) O próprio Francisco, pessoalmente, demonstra preocupação com o que chama de “lobby gay” no Vaticano. Conforme revelou o site católico *Reflexión y Liberación*, o pontífice afirmou o seguinte em uma audiência recente com a diretoria da Confederação Latino-Americana e Caribenha de Religiosos: “Na Cúria há gente santa de verdade. Mas também há uma corrente de corrupção, é verdade. Fala-se de lobby gay, e é verdade, ele está aí... temos que ver o que podemos fazer”.

(6) Segundo, os direitos da mulher

(7) Em entrevista para o livro “Religiões e política”, o deputado do PSC-SP afirmou o seguinte: “Quando você estimula uma mulher a ter os mesmos direitos do homem, ela querendo trabalhar, a sua parcela como mãe começa a ficar anulada, e, para que ela não seja mãe, só há uma maneira que se conhece: ou ela não se casa, ou mantém um casamento, um relacionamento com uma pessoa do mesmo sexo; [assim] você destrói a família, cria-se uma sociedade só com homossexuais, e essa sociedade tende a desaparecer, porque ela não gera filhos”.

(8) A igreja católica sempre tratou a mulher de forma diferenciada. A começar pelo fato de que elas não podem ser ordenadas. Aos homens (padres) cabe orientar os fiéis, ditar os rumos da igreja e do mundo. Às freiras cabem tarefas como cuidar dos enfermos e necessitados e, por exemplo, cozinhar, lavar e passar para o “homem simples de fala mansa” que está entre nós.

(9)Mais: estão sendo distribuídas 2 milhões de cópias de um Manual de Bioética (em PDF) durante a visita do papa ao Brasil, sendo quase a metade da tiragem a versão em português, segundo informações da Confederação Nacional de Bispos Brasileiros. De suas 72 páginas, praticamente a metade traz pilhas de informações “científicas” e julgamentos morais contra o aborto. O restante divide-se entre a condenação de pesquisas com células-tronco, a condenação da inseminação artificial e a condenação da eutanásia.

(10)O direito sobre o próprio corpo, uma questão que o movimento feminista do mundo todo considera vital desde a década de 1960, é classificado como “crime” em diversos pontos do texto. De acordo com o manual, mesmo em caso de estupro ou de inviabilidade do feto, a interrupção da gravidez não pode ser sequer aventada: “O direito de matar o próprio filho não pode ser fonte de liberdade nem de realização pessoal”. Todos os métodos contraceptivos, pílula e DIU inclusive, são considerados abortivos e criminosos.

(11)Em terceiro lugar, o apego ao dinheiro

(12)Causou espécie um vídeo que circulou recentemente, no qual o pastor Marco Feliciano pedia a senha de um cartão de crédito para um fiel, dizendo que, caso a senha não fosse revelada, “o milagre não viria”. Costuma ser igualmente criticada a cobrança do dízimo por parte de igrejas evangélicas –como se a igreja católica não o fizesse.

(13)Tudo isso, contudo, é esmola perto do patrimônio misterioso e incalculável da igreja católica. A revista *Exame* fez uma reportagem bastante reveladora sobre o Banco do Vaticano. Entre diversos casos de lavagem de dinheiro, escândalos sexuais, corrupção e má administração relatados pela publicação, destaco uma informação: o banco gere cerca de 6 bilhões de euros em ativos. Vou repetir: 6 bilhões de euros.

(14)Isso sem contar as milhares de propriedades da igreja católica ao redor do globo todo. Não sou um estudioso do cristianismo, mas acredito que valores como ajuda ao próximo, desapego e amparo aos pobres não combinam com a acumulação de fortunas dessa grandeza. Mesmo que o chefe da instituição prefira andar num fiat “sem luxo” e dormir num “quarto simples”.

(15)Em quarto lugar, a promiscuidade com o poder público

(16)Muito se critica Feliciano e a bancada evangélica por usarem o poder público que detêm para obter vantagens para suas instituições. O que afronta o conceito de estado laico. O catolicismo faz o mesmo.

(17)O amplo uso de estruturas e verbas públicas durante a visita de Francisco; o mesmo lobby para isenções fiscais e outras benesses financeiras; a mesma submissão dos governantes (de Dilma ao vereador de Pindamonhangaba). Mais: há crucifixos em repartições públicas (desrespeitando os evangélicos, inclusive) e mensagens religiosas nas notas de dinheiro, que são um símbolo nacional. E por aí vai.

(18)(Parênteses: pedofilia)

(19)Aqui não há o paralelo com Feliciano, mas vale lembrar das inúmeras acusações de abuso sexual contra padres no mundo inteiro, muitas cometidas contra menores e encobertas pelo Vaticano. A situação é tão grave que a ONU pediu, agora no começo de julho, esclarecimentos sobre os crimes cometidos por padres em todo mundo. Como o vaticano é membro das Nações Unidas e tem a falta de transparência como uma de suas marcas, a ONU quer saber o que a Igreja Católica têm feito de efetivo contra os criminosos que foram descobertos em suas fileiras.

(20) Por fim, o apoio da mídia

(21) Aqui, uma das maiores injustiças com Marco Feliciano. O pastor é hostilizado por todos, TV Globo inclusa. Suas posições, conforme demonstrado, são irmãs siamesas das defendidas por Francisco e pela religião que comanda. E dos dogmas vindos de Roma ninguém reclama.

(22) Pior: a maior TV do país (bem como quase todos os outros veículos de imprensa) ajoelha-se ao mandatário da tv católica. E não acredito ser esta uma decisão baseada somente pela audiência. A missa de domingo está na grade da Globo há décadas --atualmente é celebrada ao vivo pelo Padre Marcelo. E a emissora, apenas recentemente, de olho na perda de audiência e de dinheiro, começou um flerte institucional com os evangélicos, inaugurado com o festival de músicas gospel Promessas.

(23) Para finalizar, deixo vocês com algumas frases do primeiro bloco do Jornal Nacional desta segunda-feira. Tentem imaginar Marco Feliciano ou qualquer outro líder evangélico sendo tratado desta forma pelo noticioso visto por quase metade da população brasileira toda noite:

(24) “De papamóvel, fez um passeio que vai ficar na memória dos fieis”

(25) “Distribuiu simpatia”

(26) “Mais perto do povo, do jeito que o papa Francisco gosta”

(27) Fiel: “Foi um presente de Deus, eu consegui estar perto dele e pude constatar que ele realmente é esse pastor humilde, amigo do povo e que veio pra resgatar mais fieis pra igreja católica”

(28) “Deixou uma legião de fieis encantados”

(29) “Santo, abençoado, humilde... os elogios vão brotando”

(30) Fiel: “Ele é gente como a gente”

(31) “A cada esquina ele faz novos amigos”

(32) “Os gritos pareciam saídos de um show de rock”

(33) “Se fosse só isso, já valeria a pena, e o papa Francisco acabou de chegar”.

Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-lino/papa-e-um-feliciano-com-muito-mais-poder-e-o-apoio-da-globo-2361.html>. Acesso em: 26 jul 2013.

Ao comparar as duas notícias, há uma discrepância notória, embora as duas discorram a respeito do mesmo assunto: a vinda do Papa ao Brasil. A da *Carta Capital* está na coluna *sociedade*, enquanto a da *Revista Veja*, está na coluna *religião*. Ambas pertencem a *blog* de opinião e falam a respeito do posicionamento da Rede Globo em relação à visita de Francisco e do tratamento dado ao pastor deputado Marco Feliciano, porém cada uma se refere aos assuntos com uma visão totalmente oposta.

Como já se fez referência, um texto dificilmente será escrito sem a intenção do autor, no mínimo, implícita nele, principalmente quando se expõe opinião. O emissor do noticiário quer ser compreendido e tem como alvo convencer o destinatário até o ponto de este concordar com aquele.

No Radar on-line, é evidente a defesa feita à Rede Globo na manchete *Feliciano contra a Globo*, causando até mesmo a impressão de que a *Revista Veja* pertence à Editora Globo, e não à Abril. A frase é tomada pelo exagero: mais adiante a metáfora hiperbólica *metralhadora giratória* reafirma o que é dito acima e compara Marco Feliciano (ou os seus discursos) a uma arma, ilustrando, dessa forma, que o homem ataca a outras pessoas com suas palavras. Ao empregar o termo *giratória*, insinua que, por *girar*, alcança vários indivíduos, ou seja, para Lauro Jardim o deputado alveja várias pessoas e instituições por meio de suas declarações.

No parágrafo 3, ao fazer menção à palavra *mirou*, o autor reforçou a expressão usada anteriormente *metralhadora giratória*, além de comprovar o lisonjeio exacerbado à Globo por parte de seu *blog*.

A fotografia escolhida de Marco Feliciano o ilustra como alguém de personalidade forte, fervoroso em defender sua asserção. A mão levantada demonstra firmeza. Em geral, quando a notícia é a respeito de uma pessoa que será julgada por um crime, as imagens escolhidas, dependendo da intenção do autor, são dela com a expressão de preocupação (se de alguma forma o editor quiser preservar o noticiado) ou de deboche – neste caso, se o jornalista for contrário às ações do fotografado, pois esse tipo de imagem provocaria o repúdio dos leitores. Provavelmente, Lauro teve a intenção de mostrar o deputado como alguém intransigente e utilizou uma pose na qual ele estivesse discursando.

Jardim demonstra sua crença de que o pastor, o qual afirmou sua concordância com o papa em todos aqueles pontos polêmicos citados na reportagem, não teria o direito de se comparar ao católico. Expôs sua discordância por Feliciano ter criticado a emissora, que, de acordo com as inferências feitas do discurso do pastor, enfatiza o carisma e as opiniões “neutras” do papa, enquanto o “vilaneia” perante os cidadãos. Lauro evidencia não aceitar o fato de Feliciano e o pontífice partilharem dos mesmos conceitos religiosos tradicionais, que divergem da visão da sociedade moderna, quanto ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, a descriminalização do aborto e das drogas.

Feliciano acusa a emissora também de discriminação religiosa contra ele, por não ter mostrado as manifestações contrárias à presença de Francisco, enquanto, por outro lado, sempre ressaltou os protestos sofridos por ele. No entanto, o colunista afirma que o *beijaço* – forma de expressão pública na qual várias pessoas, em geral do mesmo sexo, beijam-se na boca simultaneamente – foi coberto pela emissora.

A palavra *enciumado*, no primeiro parágrafo, é um eufemismo, nesse caso, para *inveioso*. Por tratar-se de um texto irônico a amenização do termo o leva para um aspecto pejorativo. A comprovação da ironia dá-se na expressão *resolveu comparar-se ao pontífice*, que pode ser interpretada como *teve a audácia ou a ousadia de considerar-se semelhante ao pontífice*. Isso demonstra a valorização exacerbada de Mario Bergoglio em relação ao pastor, não apenas em *status*, ou grau de importância social, mas como indivíduo.

Lino Bocchini, ao contrário de Jardim, compara os dois líderes religiosos e considera-os semelhantes. O jornalista justifica sua comparação, argumentando que os dois, tanto Mario Bergoglio quanto Marco Feliciano, pensam da mesma forma,

porém o poder da Igreja Católica – instituição à qual representa o pontífice e que tem uma forte aliada, a Rede Globo – poupa-o de um possível *Fora Francisco*. Observe o período extraído do *Blog do Lino: Homofobia, machismo, apego ao dinheiro, religião interferindo no Estado. Os motivos que inspiram o “Fora Feliciano” se aplicam ao papa. Com o agravante de que ele é bem mais poderoso.*

As imagens têm muita importância em um texto, pois elas contribuem para reforçar a ideia defendida no restante, por isso não poderiam passar despercebidas. Nesse caso, há uma mulher chorando ajoelhada e, embaixo, a frase: *No Jornal Nacional, fiel chora de emoção ajoelhada diante do microfone da Globo.*

A fotografia e a sentença não estariam presentes no texto sem um porquê. Elas são análogas à dominação exercida pela emissora em relação à população brasileira, que sempre foi manipulada.

No primeiro parágrafo, a hipérbole na expressão *tsunami de críticas* remete o leitor a algo forte e devastador, referindo-se aos comentários feitos a respeito do pastor. Tsunami são ondas gigantes capazes de destruir uma cidade e matar milhares de pessoas.

Mais à frente, no mesmo parágrafo, ele escolhe as palavras *fundamentalistas* e *há séculos* para caracterizar a antiguidade dos ideais compactuados pela Igreja Católica e líderes evangélicos.

No parágrafo 4, o termo *homossexualidade* pode ser considerado um eufemismo para *homossexualismo*, pois este é conceituado como doença, enquanto aquele é uma orientação sexual. Na *Jovem Pan online*, em entrevista publicada em 25 de março de 2013 por Rafael Scapucim, o advogado e presidente da Organização GLBT de SP, Fernando Quaresma, diferencia esses dois termos:

Homossexualismo é uma expressão errônea e considerada pejorativa nos dias atuais. O sufixo “ismo” sempre se refere a doença. A homossexualidade deixou de ser considerada doença na década de 40 pela sociedade médica e é proibido ser tratado como distúrbio ou como doença pelos psicólogos. Já o termo homossexualidade, trans-sexualidade é o termo correto que traduz a orientação sexual, ou seja por quem é seu desejo.

O vocábulo *homossexualidade* é mais suave, e os pertencentes a esse grupo sentem-se respeitados. Na quarta linha, o redator emprega *o amor da população LGBT*, ao invés de *o relacionamento da população LGBT*. Apesar de ter-se o conhecimento de que nem sempre um namoro ou relação sexual consiste em amor, essa palavra poetiza a situação, eufemiza a frase.

Nos parágrafos 7 e 8, Bocchini compara a visão do deputado pastor à do papa em relação ao sexo feminino. No discurso de Feliciano, ocorre uma hipérbole, ao insinuar que a destruição das famílias seria consequência do fato de a mulher trabalhar, afirmando que, ao fazer isso, *a sua parcela como mãe começa a ficar anulada* e isso, conforme seu enunciado, a levaria a não casar-se ou a tornar-se homossexual.

No oitavo parágrafo, o autor ironiza, ao relatar as atividades dos padres e freiras. Eles têm a tarefa de *orientar os fiéis, ditar os rumos da igreja e do mundo*, esses verbos *orientar* e *ditar* reforçam o papel dos homens de mandar e de escolher, até mesmo, *os rumos da igreja e do mundo*. São funções bem contrastantes com as das freiras: *cuidar dos enfermos e necessitados e, por exemplo, cozinhar, lavar e passar para o “homem simples de fala mansa” que está entre nós*. Os vocábulos *cozinhar, lavar e passar* enfatizam a missão subserviente das mulheres, essas que servem o *“homem simples de fala mansa”*. O trecho em itálico está também entre aspas, para mostrar que a frase não é uma referência dele (Bocchini), pois faz alusão ao Jornal Nacional e ao modo como os repórteres tratavam o papa. É um ponto de bastante importância, pois mostra o quanto Lino estava, de certa forma,

nauseado com o excesso de elogios destinados ao papa. A expressão *que está entre nós*, remete ao endeusamento do líder católico.

Outra ocorrência de hipérbole é percebida em *esmola*, no parágrafo 13, o qual faz menção ao que foi relatado anteriormente, no décimo segundo, a respeito das críticas pelos pagamentos de dízimo nas igrejas evangélicas. Para Lino, diante do grandioso patrimônio da Igreja Católica, que também cobra dízimo, a quantia percebida nos templos evangélicos é uma esmola, é muito pequena.

Ainda no parágrafo 13, na primeira e na segunda linhas, ele utiliza os termos *misterioso e incalculável* para qualificar o patrimônio da Igreja Católica e, mais uma vez, enfatiza o tamanho dos bens do Vaticano por meio de adjetivos hiperbólicos. No parágrafo seguinte, com o mesmo efeito acentuado, a frase: *milhares de propriedades da igreja católica ao redor do globo todo*, mostra o quão rica é esta instituição, sensação que é ressaltada por *ao redor do globo todo*.

Jardim não identifica a religião que profere, mas, de acordo com sua coluna, esclarece que não faz parte da doutrina evangélica, ou pelo menos, não possui a mínima simpatia por Marco Feliciano. Também não trabalha para a Rede Globo, mas a defende como se fizesse parte da equipe. A respeito do colunista, não foram encontrados dados de sua formação, nem de seu currículo.

Segundo fontes do LinkedIn, quando Lino Bocchini foi redator-chefe da *Revista Trip*, uma das edições lançadas foi o especial “Diversidade Sexual” (com o primeiro beijo *gay* da história das revistas brasileiras na capa). Embora haja críticas fortes à Igreja Católica nesse *blog*, por meio do texto e do currículo de Lino, é possível concluir que, por mais emotiva, cheia de metáforas, hipérboles e eufemismos que seja essa reportagem, o autor parece ser “justo” ao comparar os dois líderes religiosos.

Bocchini termina seu texto, requisitando aos leitores que imaginem um líder evangélico sendo tratado da mesma forma que o papa nas frases dos parágrafos 24 até 33.

É notório o quanto os dois textos são parciais e expõem com clareza o ponto de vista dos dois “blogueiros”, além de tentarem convencer o leitor a concordar com eles por meio de forte argumentação. Foi percebido, também, o contraste das ideias dos dois em direções tão opostas que nem parecia tratar do mesmo assunto.

2.1.3 ANÁLISE DOS TEXTOS 4 E 5

Serão comparadas duas reportagens que tratam do mesmo tema – a criação do vagão exclusivo para mulheres –, porém ambas têm pontos de vista opostos. Uma delas foi escrita por um homem e a outra, por uma mulher, o que pode gerar discrepância nos comentários, pois se trata de uma decisão importante referente ao sexo feminino, que mudará a rotina das usuárias do metrô de algumas cidades do Brasil. Há também um diferencial em relação ao local onde se passam os fatos: o que é comentado por Nádia Lapa ocorre em São Paulo e no Rio de Janeiro, enquanto o outro, de Almiro Marcos, no Distrito Federal.

TEXTO 4

METRÔ COMEÇA A CIRCULAR COM VAGÕES EXCLUSIVOS PARA MULHERES NO DF

(1)O governador Agnelo Queiroz (PT-DF), que lançou o serviço na manhã de hoje na sede do metrô, explicou que a medida dá mais dignidade ao transporte das mulheres e deficientes

Almiro Marcos

Publicação: 01/07/2013 13:39 Atualização: 01/07/2013 15:50

(2) Desde a manhã desta segunda-feira (1º/7) o Metrô-DF passou a operar com o primeiro vagão destinado exclusivamente para mulheres e pessoas com deficiência. A operação vai funcionar nos horários de pico, entre as 6h e 8h45 e das 16h45 às 20h15, nos dias úteis. Não há o funcionamento específico nos sábados, domingos e feriados.

(3) A novidade cumpre determinação da Lei Distrital 4.848/2012, de iniciativa dos deputados distritais Evandro Garla (PRB) e Eliana Pedrosa (PSD) e tem como um dos principais objetivos reduzir o assédio às mulheres nos vagões do metrô. "Recebemos essa solicitação através da Ouvidoria da Câmara Legislativa do DF", explicou o parlamentar.



Imagem 3

(4) O governador Agnelo Queiroz (PT-DF), que lançou o serviço na manhã de hoje na sede do metrô, explicou que a medida dá mais dignidade ao transporte das mulheres e deficientes. A presidente do Metrô-DF, Ivelise Longhi, explicou que a operação vai funcionar em fase de testes durante um mês. "Os ajustes necessários serão feitos", explicou.

Disponível em:

[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/07/01/interna_cidadesdf,374414/metro-
comeca-a-circular-com-vagoes-exclusivos-para-mulheres-no-df.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/07/01/interna_cidadesdf,374414/metro-comeca-a-circular-com-vagoes-exclusivos-para-mulheres-no-df.shtml)

TEXTO 5**VAGÃO SÓ PARA MULHERES: PARECE UMA BOA IDEIA, MAS NÃO É**

(1)A proposta reitera a cultura que impõe às mulheres a responsabilidade pela própria integridade. Post de Nádia Lapa por [Nádia Lapa](#) — publicado 27/06/2013 19:02, última modificação 27/06/2013 19:44

Comments

Imagem 4

Usuários entram em vagão exclusivo para as mulheres no metrô do Rio de Janeiro

(2)A Comissão de Transportes e Comunicações da Assembleia Legislativa de São Paulo aprovou um projeto de lei que cria vagões e espaços exclusivos para mulheres no transporte público. A ideia vem sendo discutida pela casa desde 2005, quando o projeto 341 foi proposto pelo então deputado Geraldo Vinholi (PSDB), hoje prefeito de Catanduva. Segundo a justificativa de Vinholi, a separação "tem como objetivo evitar, nas horas de pico, a bolinação das mulheres".

(3)Ainda sujeita à aprovação dos deputados e à sanção do governador, a ideia não é nova. No Rio de Janeiro, lei semelhante está em vigor desde 2006 (em São Paulo, há previsão também de assentos exclusivos em ônibus, além de metrô e trem).

(4)Parece uma boa iniciativa. Afinal, quem iria achar razoável a agressão física, verbal ou sexual em qualquer ambiente, em especial no transporte público? (Muitos acham, e cometem esses crimes diariamente.)

(5)O grande problema é que a proposta só parece uma boa ideia, mas na verdade ela reitera a cultura que impõe às mulheres a responsabilidade pela própria integridade, quando o cerceamento de liberdade deveria focar no agressor. Toda

mulher aprendeu desde cedo a "se cuidar", evitando ruas desertas ou escuras, olhando com desconfiança para a abordagem de desconhecidos, cobrindo o corpo para não ser assediada. Quando qualquer coisa acontece, a mulher acredita que de alguma maneira concorreu para a agressão, como se não tivesse se "preservado o suficiente".

(6)No entanto, não é ela quem tem que se cuidar. A mulher tem o direito de existir, de ser, de se divertir, a qualquer hora do dia ou da noite, em qualquer ambiente, com ou sem companhia. O problema não é ela. Por qual razão seria justificável separar os homens das mulheres em transportes públicos? Eles não conseguem se controlar com a simples presença de uma mulher?

(7)Eis uma questão incontornável: metade dos usuários do transporte público (e de seres humanos vivendo na Terra) são mulheres. Sempre existirá a interação, e não se pode simplesmente criar leis e normas para segregar as pessoas. Se analisarmos as iniciativas em outras partes do mundo, não dividiremos os vagões e assentos pela metade. Isto é, as mulheres que não conseguirem embarcar nos vagões pintados de rosa estarão automaticamente sujeitas a qualquer coisa?

(8)A proposta busca maquiagem um problema cultural sério, que envolve a falta de projetos efetivos para o combate ao machismo e à violência sexual. É preciso repensar não apenas o papel do Estado na promoção de valores de respeito à dignidade humana, passando pela melhoria nas condições de atendimento às vítimas de assédio. Também precisamos analisar em que cultura o abuso sexual é aceito e a vítima é motivo de piada, como no conhecido quadro do programa Zorra Total. O trabalho é de todos nós. E a culpa nunca é da vítima.

Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-para-que/vagao-exclusivo-para-mulheres-parece-uma-boa-ideia-mas-nao-e-8235.html>.

Ao começar pela manchete é perceptível a divergência de opiniões, porque a primeira é mais descritiva e relata a notícia, sem explicitar a avaliação do autor: *Metrô começa a circular com vagões exclusivos para mulheres no DF*. A segunda, por sua vez expõe a total discordância da autora: *Vagão só para mulheres: parece uma boa ideia, mas não é*. Houve também a escolha de *só para mulheres*, expressão que causa um efeito de sentido mais forte do que *exclusivo para mulheres* – esta é mais sofisticada; a outra demonstra insatisfação, que é reforçada por *parece em: parece uma boa ideia, mas não é*.

A reportagem feita pela mulher é emotiva e causa mais curiosidade no leitor do que a primeira, pois o destinatário quer saber o porquê de a ideia que deveria ser perfeita para as mulheres, que passam por vários constrangimentos nos transportes públicos, não ser boa de fato.

Na manchete da notícia de Almiro Marcos, é omitido o fato de os vagões serem exclusivos também para portadores de necessidades especiais, o que é explicado apenas abaixo, no parágrafo posterior. Provavelmente a intenção do autor era atrair o leitor, por isso diminuiu o número de palavras.

O repórter relata a afirmação de Agnelo Queiroz, governador do Distrito Federal, de que *a medida dá mais dignidade ao transporte das mulheres e deficientes*. Ao se reportarem à possível sensação das mulheres diante da determinação, enquanto Almiro utiliza o termo *dignidade*, Nádia Lapa emprega *responsabilidade pela própria integridade*. Possivelmente, de acordo com a visão de Almiro Marcos, a nova lei distrital é uma boa idéia, tanto que duas vezes na notícia ele utiliza a frase *explicou que a medida dá mais dignidade ao transporte das mulheres e deficientes*, além de mostrar o argumento do deputado distrital Evandro Garla – que junto com Eliana Pedrosa, deu iniciativa à lei com o intuito de atender a pedidos – *Recebemos essa solicitação através da Ouvidoria da Câmara Legislativa do DF*. Ele explica o objetivo da nova lei: *reduzir o assédio às mulheres nos vagões do metrô*. O verbo *reduzir* esclarece que vai diminuir, mas não acabar com os assédios.

Outro tópico de importância que ocorre nos parágrafos 1 e 2 é a ausência dos eufemismos *portador de necessidades especiais (PNE)*, *pessoas especiais ou pessoas com eficiências diferentes*, que muitas vezes substituem *deficientes ou pessoas com deficiência*. No portal do servidor do sítio do Senado Federal, foram

extraídos alguns parágrafos acerca do assunto, onde é ratificada a correta escolha do termo feita pelo jornalista:

O consultor Romeu Kazumi Sassaki afirma em seu artigo, *Vida Independente: história, movimento, liderança, conceito, filosofia e fundamentos*, que não existe um único termo correto, válido definitivamente em todos os tempos e espaços.

Na Convenção Internacional para Proteção e Promoção dos Direitos e Dignidade das Pessoas com Deficiência, ficou decidido que o termo correto utilizado seria “pessoas com deficiência”. O movimento quer aprovar pela Assembléia Geral da ONU, a ser promulgada posteriormente por meio de lei nacional de todos os países-membros, incluindo o Brasil.

A escolha da palavra *reitera*, no parágrafo 1 do texto escrito por Nádia, remete às reclamações de várias mulheres, inclusive da autora, de que são responsáveis pela própria integridade física e caso sofram algum abuso sexual, parte da culpa pela violência recai sobre as vítimas. Ou seja, como se fosse do instinto do homem atacar as mulheres e cabe a elas se protegerem e evitarem situações de risco. A autora reforça essa idéia no parágrafo 7, *Isto é, as mulheres que não conseguirem embarcar nos vagões pintados de rosa estarão automaticamente sujeitas a qualquer coisa?*

No final do parágrafo 2, Nádia Lapa destaca a declaração feita pelo atual prefeito de Catanduva, Geraldo Vinholi, de que, na época da proposta, era deputado: *tem como objetivo evitar, nas horas de pico, a bolinação das mulheres.*

O vocábulo *bolinação*, utilizado por Geraldo Vinholi, tem um tom bastante eufêmico, pois suaviza a possível terminologia *assédio*, além de causar um aspecto quase cômico, o que faz as violências sofridas por mulheres parecerem algo normal e engraçado. Causa até mesmo a impressão de ser algo que quem é homem de fato, “macho”, deve fazer, por ser completamente natural.

A frase *nas horas de pico*, por estar entre vírgulas, faz transparecer que a *bolinação* das mulheres será evitada apenas naquele horário, ou seja, nas outras partes do dia, elas serão vulneráveis a esses abusos.

No parágrafo 4, a autora escolhe *agressão* e *crimes* para classificar as atitudes de alguns homens, mostrando por meio dessas palavras enfáticas, a repulsa e a revolta que sente por esse tipo de ação.

As sentenças a seguir são hiperbólicas, mas adequadas ao contexto: *impõe às mulheres* e *cerceamento de liberdade*, no quinto parágrafo, e *segregar*, no sétimo, pois Lapa exibe descontentamento com a lei, logo, disporia do vocabulário mais enfático possível. No decorrer de todo o texto, a autora relata a discordância com a cultura machista e defende a segura e respeitável interação entre homens e mulheres, principalmente quando dividirem o mesmo espaço.

Nessa análise, assim como nas outras, foi comprovado o quanto a escolha das palavras pode modificar o impacto das frases para quem as recebe. Foi possível lembrar que a escolha não é feita ao acaso, mas com a intenção de convencer o leitor ou pelo menos de expressar revolta ou defesa quanto a algum acontecimento ou pessoa.

CONCLUSÃO

Esta monografia teve o intuito de mostrar o quanto textos jornalísticos são carregados da opinião do autor e de ideologias que reforçam o poder das classes dominantes. Além disso, ressalta que a escolha do vocabulário nas notícias é intencional, pois cada palavra tem uma carga semântica diferente, por isso a hipótese de haver sinônimos perfeitos, nesse caso, pode ser descartada.

Este trabalho mostrou que, a fim de chamar atenção do público para o conteúdo de seus textos e tentar levar o leitor a concordar com seu ponto de vista, ainda que de modo discreto, os jornalistas fazem uso do sentido figurado, da linguagem conotativa e de algumas figuras de pensamento. Neste, foram destacados a hipérbole e o eufemismo.

Para a elaboração deste trabalho, além da utilização de livros e artigos de autores conceituados como argumento de autoridade, foram analisadas notícias das revistas *online Carta Capital* e *Veja* e, ainda, noticiários do sítio do jornal *Correio Braziliense*. Em todos eles, observou-se a grande ocorrência do uso de conotação e de figuras de linguagem, principalmente a hipérbole. Notou-se, por outro lado, que o mesmo fato, quando veiculado por meios de comunicação diversos, é abordado com visões divergentes, em alguns casos, até mesmo opostas.

De acordo com o que foi explicitado na introdução deste trabalho, o texto que motivou o tema desta monografia, *Dezesseis palavras que choram*, escrito por Roberto Pompeu de Toledo, em 2002, chamou a atenção para o quanto a troca de um termo por outro altera o sentido, o peso de um enunciado.

A atual eufemização dos vocábulos tem-se tornado frequente. Alguns até passaram a ser tabus e há cautela exacerbada ao tratar de certos assuntos, então,

tem-se a ocorrência dos termos “politicamente corretos”, que aumentam a necessidade de discursos mais elaborados e menos agressivos. Muitas reuniões e discussões por expressões ideais para cada grupo de pessoas têm acontecido; por exemplo, qual seria o melhor modo de se dirigir a pessoas com deficiências, ou a pessoas de cor de pele negra, homossexuais, entre outros?

Foi constatado que, se o autor tiver interesse de defender a pessoa de quem se escreve, será utilizado o eufemismo para mitigar as ações cometidas por ela. No entanto, caso a intenção seja tornar o indivíduo mais culpado ou trazer revolta ao leitor, as hipérboles serão empregadas nas notícias.

O resultado obtido no decorrer deste trabalho é a percepção do quanto o efeito de sentido em um texto pode ser modificado pela “simples” troca de um vocábulo por outro, mudança que não é feita despretensiosamente, mas, sim, com um intuito, o de defender interesses. Para alcançar esses objetivos, se necessário, os meios de comunicação omitem fatos ou os conduzem para a direção mais oportuna no momento. “Mas é preciso, desde já, ficar atento ao fato de que não existe ‘informação pura’.” (FARACO E TEZZA, 2003, p. 180).

O objetivo deste trabalho foi contribuir para que as pessoas leiam os textos de forma crítica, não apenas aceitando passivamente o que está escrito como verdade absoluta. E mostrar que sempre se há um interesse defendido por trás do que foi escrito, nas entrelinhas. Um dos aspectos mais relevantes na esfera pessoal foi trazer a percepção de que a notícia é destinada a um público-alvo e isso também torna a abordagem linguística diferente, porque, dependendo da classe social dos leitores a notícia será mais sensacionalista e, conseqüentemente, conterà mais hipérboles e linguagem figurada.

Foi possível concluir, por meio desta monografia, que o trabalho do revisor é de suma importância, não apenas para a correção de erros, mas para cooperar com a finalidade de tornar o texto mais coeso e coerente. Contudo, se esse profissional no momento da revisão, trocar vocábulos por outros indiscriminadamente, retirar ou acrescentar pontuações e expressões, poderá alterar o efeito de sentido inicialmente aspirado por quem escreveu, uma vez que, de acordo com a argumentação defendida anteriormente, palavras que parecem ser sinônimas têm valores dispares. É essencial que esse profissional trabalhe ao lado do autor, sem interferências muito profundas e que respeite, acima de tudo, o desejo do escritor.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BERGO, Vittorio. *Pequeno Dicionário Brasileiro de Gramática Portuguesa: Adstrito à Nomenclatura Gramatical Brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- BOCCHINI, Lino. *Papa é um Feliciano com muito mais poder e apoio da globo*. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-lino/papa-e-um-feliciano-com-muito-mais-poder-e-o-apoio-da-globo-2361.html>>. Acesso em: 26 jul 2013.
- BRANDÃO, Roberto de Oliveira. *As Figuras de Linguagem*. São Paulo: Ática, 1989.
- CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Linguística e Gramática referente à Língua Portuguesa*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.
- CAMOCARDI, Elêusis Mírian; FLORY, Suely Fadul Villibor. *Estratégias de persuasão em textos jornalísticos, publicitários e literários*. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.
- CHALHUB, Samira. *Funções da Linguagem*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário de análise do discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- COELHO NETO, Aristides. *Além da revisão: critérios para revisão textual*. 2. ed. Brasília: Senac-DF, 2008.
- Dicionário eletrônico Caldas Aulete*. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br>>. Acesso em: 29 ago. 2013.
- DIJK, Teun A. Van. *Discurso e poder*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, 2008 (reimpressão).
- FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão. *Oficina de texto*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003
- FREITAS, Antonio Francisco de. *Análise do discurso jornalístico: um estudo de caso*. Maceió: 1999. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/freitas-antonio-dicurso-jornalístico.pdf>>. Acesso em: 12 jul 2013.

JARDIM, Lauro. *Feliciano diz ter opiniões idênticas as do papa e afirma sofrer discriminação religiosa e dispara contra a globo*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/religiao/feliciano-diz-ter-opinioes-identicas-as-do-papa-afirma-sofrer-discriminacao-religiosa-e-dispara-contra-a-globo/>>. Acesso em: 26 jul 2013.

LAPA, Nádia. *Vagão exclusivo para mulheres parece uma boa idéia, mas não é*. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-para-que/vagao-exclusivo-para-mulheres-parece-uma-boua-ideia-mas-nao-e-8235.html>> Acesso em: 30 de jun.2013

MARCOS, Almiro. *Metrô começa a circular com vagões exclusivos para mulheres*. Disponível em: <<http://www.correioabraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/07/01.>>. Acesso em: 02 de jul. 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção de texto, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUES, Ester. *Estruturas do discurso jornalístico*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0528-1.pdf.>>. Acesso em: 12 jul 2013.

OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de. *Revisão de textos: da prática à teoria*. Natal, RN: Edufrn, 2010.

OLIVEIRA, Sander Junior P. de. Discussão sobre os textos de Ana Elisa Ribeiro. Disponível em: <https://sites.google.com/site/revisaodetextosporsanderjunior/home/discussao-sobre-os-textos-de-ana-elisa-ribeiro>. Acesso em: 20 de jul. 2013.

Portal do Servidor. *Conversa Pessoal: como chamar as pessoas com deficiência*. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/senado/portaldoservidor/jornal/jornal70/utilidade_publica_pessoas_deficiencia.aspx>. Acesso em: 27 de ago. 2013

RESENDE, Vivane; RAMALHO, Viviane. *Análise do discurso crítica*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Em busca do texto perfeito: (in)distinções entre as atividades do editor de texto e do revisor de provas na produção de livros*. Anais do XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, Juiz de Fora (MG). São Paulo: Intercom, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0011-1.pdf>. Acesso em: 30 de ago. 2013

RIBEIRO, Ana Elisa. *Revisão de textos e “diálogo” com o autor: abordagens profissionais do processo de produção e edição textual*. Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da

Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2050-1.pdf>. Acesso em: 30 de ago. 2013.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. Dezesseis palavras que choram. *Revista Veja* online 13 de fev. 2002. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/130202/pompeu.html>> Acesso em: 17 de ago. 2013

VIEIRA, Josenia Antunes [et al]. *Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ANEXO

TEXTO 1

DEZESSEIS PALAVRAS QUE CHORAM

Uma frase do governador do Distrito Federal transforma-o em réu de duplo crime: racismo e atentado ao idioma

O governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz, deve ser condenado por crime de racismo? Desde o último dia 31, quando, em evento na cidade-satélite de Brazlândia, ele qualificou como "crioulo" um cidadão que o hostilizava, a questão está posta. O PT de Brasília, acérrimo adversário do governador, iniciou processo contra ele. Se as palavras de Roriz merecem ou não condenação será o nosso tema, mas antes detenhamo-nos na frase por inteiro, que aqui vai reproduzida em maiúsculas e num parágrafo à parte, para lhe realçar o sabor:

– ALI ESTÁ UM CRIOULO PETISTA QUE EU QUERO QUE VOCÊS DÃO UMA SALVA DE VAIA NELE.

A frase, mesmo que não contivesse o "crioulo", já seria um assombro. Suas dezesseis palavras configuram um pandemônio sintático. Do primeiro "que" ao "nele" do final, passando pelo "dão" em vez de "dêem" e à "vaia" em vez de "vaias", há atentados de toda ordem contra a língua portuguesa. O conjunto todo é de levar o professor Pasquale a nocaute. Menção de honra vai para a "salva de vaia". A "salva" que se conhece é de palmas. Roriz inventou a "salva de vaias" – ou, melhor ainda, "de vaia". De todo modo, o cerne da questão está no "crioulo". Ele revelaria não apenas um transgressor da gramática, mas da lei. Vejamos as linhas de defesa de que disporia o governador.

Crioulo, ao contrário do que geralmente se pensa, não quer dizer "negro". Ou melhor: na origem, não quer dizer negro. Quer dizer: "cria da terra", "filho do local". A palavra proviria de "criadouro". Com o tempo, perdeu um "d" aqui e um "r" ali, ganhou um "l" e virou crioulo. No Brasil da escravidão, o crioulo se opunha ao africano. Este era o escravo ainda de primeira geração, nascido na África. O crioulo era o já nascido no Brasil, filho de uma escrava *que deu cria*. Esse sentido se aparenta ao dos países hispano-americanos, onde "criollo", nos tempos coloniais, era o habitante nascido na colônia – o branco, não o negro nem o índio –, em oposição ao que nascera na Espanha. Também se aproxima do "créole" francês, palavra usada para identificar o dialeto falado nas colônias, mistura do francês com línguas locais. Ou seja: uma língua *criada* no local.

Dito isso, temos um primeiro argumento em favor de Roriz. Ele não estaria dizendo "Ali está um negro petista etc.", mas sim "Ali está um filho desta terra..." Já que estamos no afã de refazer-lhe a frase, poderíamos ir além, e corrigi-la também no português, para ficar mais palatável aos julgadores. Ela ficaria assim, igualmente em maiúsculas e num parágrafo isolado:

– ALI ESTÁ UM FILHO DESTA TERRA, POR SINAL PETISTA, PARA O QUAL PEÇO QUE VOCES DESTINEM UMA SONORA VAIA.

Não pegou? Tal linha de defesa soa forçada? Há outra. A de que tudo não teria passado de brincadeira. Esta é, na verdade, a linha que está sendo usada por Roriz. Ele conheceria o "crioulo" em questão, e a palavra com que se referiu a ele representaria uma fórmula carinhosa. O governo do Distrito Federal até identificou o destinatário da frase. Seria um certo Marinalvo Nascimento, cabo eleitoral do deputado distrital Edimar Pirineus, atual secretário do Desenvolvimento Econômico de Roriz. Outro secretário do governo, Wellington

Moraes, da Comunicação, explicou: "O governador sempre brinca desse jeito com as pessoas mais simples".

Eis-nos diante de argumento muito usado pelos acusados de racismo verbal. "Crioulo", assim como "negão", seria manifestação de carinho. Talvez existam, mas são sem dúvida raros os casos em que um negro manifesta o apreço a um branco chamando-o de "brancão". Mas branco chamar negro de "negão" pode. Acresce, no caso de Roriz, que ele reserva suas fórmulas carinhosas, segundo seu secretário de Comunicação, às "pessoas mais simples". As pessoas mais complexas, infere-se, delas são dispensadas. Aceitemos as alegações do governador. Era um amigo, e foi brincadeira. Mas o amigo, o tal Marinalvo Nascimento, não é um correligionário? Sem dúvida. É até cabo eleitoral de um próximo companheiro do governador. Por que cargas d'água, então, foi Roriz chamá-lo de petista? E por que foi pedir uma vaia para ele? Nesse ponto, sempre no afã de oferecer linhas de defesa ao governador, resta alegar que ele foi vítima de dois lapsos de linguagem. Quando disse "petista", o que quis dizer é que não se tratava de um petista. Faltou o "não", só isso. Quanto às vaias... Já não se disse acima que quem diz "salva" quer dizer sempre "salva de palmas"? Pois foi isso que o governador quis dizer. Por um lapso, trocou "palmas" por "vaias", mas o que quis dizer mesmo foi "palmas". O que nos leva à última correção, para que a frase enfim se revista de sua definitiva forma e real significado:

– ALI ESTÁ UM FILHO DESTA TERRA, ALGUÉM LONGE DE SER UM PETISTA, PARA O QUAL PEÇO QUE VOCES DESTINEM UMA SALVA DE PALMAS.

Conclusão: Roriz deve ser condenado não por racismo, mas porque não sabe o que diz.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. *Revista Veja*, 17 de fevereiro de 2002.

TEXTO 2

Blogs e Colunistas: Lauro Jardim
Radar on-line com Gabriel Mascarenhas e Thiago Prado

[Religião](#)

FELICIANO CONTRA A GLOBO

Imagem 1

Metralhadora giratória

Marco Feliciano está enciumado com a receptividade que o papa Francisco vem recebendo no Brasil. Agora resolveu comparar-se ao pontífice. Diz Feliciano:

– O papa é político, eu também. Assim como eu, o papa condena casamento de pessoas do mesmo sexo, a descriminalização das drogas e o aborto. Mas, no caso dele, a mídia aplaude. Por que o papa é tratado como popstar, ovacionado, e eu, tão atacado?

Em seguida, o deputado pastor mirou na Rede Globo:

– Onde estava a TV Globo, que não mostrou as manifestações contrárias ao papa, o **beijaço** e etc? Isso é discriminação religiosa contra mim, contra o pastor Silas Malafia e outros.

A Globo, ao contrário do que diz o nobre deputado, cobriu o **beijaço**.

Por Lauro Jardim

Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/religiao/feliciano-diz-ter-opinioes-identicas-as-do-papa-afirma-sofrer-discriminacao-religiosa-e-dispara-contr-a-globo/>.

Acesso em: 26 jul 2013.

TEXTO 3

Blog do Lino

Sociedade
Opinião / visita do papa

PAPA É UM FELICIANO COM MUITO MAIS PODER E O APOIO DA GLOBO

Homofobia, machismo, apego ao dinheiro, religião interferindo no Estado. Os motivos que inspiram o “Fora Feliciano” se aplicam ao papa. Com o agravante de que ele é bem mais poderoso

por Lino Bocchini — publicado 23/07/2013 14:49, última modificação 23/07/2013 16:34



Imagem 2

No Jornal Nacional, fiel chora de emoção ajoelhada diante do microfone da Globo

Os evangélicos estão sendo injustiçados. O tsunami de críticas que atingiu Marco Feliciano, Silas Malafaia e demais líderes evangélicos fundamentalistas se aplica ao papa Francisco e à Igreja Católica. Explico: as mesmas bandeiras conservadoras levantadas pelo presidente da Comissão de Direitos Humanos do Congresso estão no centro da atuação da igreja católica há séculos. E o argentino Mario Bergoglio, agora chamado de Francisco, comunga destes ideais e não se mostra disposto a alterá-los. Pelo contrário.

Vamos por partes:

Primeiro, a homofobia

Muito se reclamou da atuação de Feliciano contra os direitos fundamentais dos homossexuais. A coleção de frases e a atuação do pastor não deixam dúvidas quanto à sua posição. Como é sabido, a igreja católica igualmente condena a homossexualidade, e considera pecado o amor da população LGBT.

O próprio Francisco, pessoalmente, demonstra preocupação com o que chama de “lobby gay” no Vaticano. Conforme revelou o site católico *Reflexión y Liberación*, o pontífice afirmou o seguinte em uma audiência recente com a diretoria da Confederação Latino-Americana e Caribenha de Religiosos: “Na Cúria há gente santa de verdade. Mas também há uma corrente de corrupção, é verdade. Fala-se de lobby gay, e é verdade, ele está aí... temos que ver o que podemos fazer”.

Segundo, os direitos da mulher

Em entrevista para o livro “Religiões e política”, o deputado do PSC-SP afirmou o seguinte: “Quando você estimula uma mulher a ter os mesmos direitos do homem, ela querendo trabalhar, a sua parcela como mãe começa a ficar anulada, e, para que ela não seja mãe, só há uma maneira que se conhece: ou ela não se casa, ou mantém um casamento, um relacionamento com uma pessoa do mesmo sexo; [assim] você destrói a família, cria-se uma sociedade só com homossexuais, e essa sociedade tende a desaparecer, porque ela não gera filhos”.

A igreja católica sempre tratou a mulher de forma diferenciada. A começar pelo fato de que elas não podem ser ordenadas. Aos homens (padres) cabe orientar os fiéis, ditar os rumos da igreja e do mundo. Às freiras cabem tarefas como cuidar dos enfermos e necessitados e, por exemplo, cozinhar, lavar e passar para o “homem simples de fala mansa” que está entre nós.

Mais: estão sendo distribuídas 2 milhões de cópias de um Manual de Bioética (em PDF) durante a visita do papa ao Brasil, sendo quase a metade da tiragem a versão em português, segundo informações da Confederação Nacional de Bispos Brasileiros. De suas 72 páginas, praticamente a metade traz pilhas de informações “científicas” e julgamentos morais contra o aborto. O restante divide-se entre a condenação de pesquisas com células-tronco, a condenação da inseminação artificial e a condenação da eutanásia.

O direito sobre o próprio corpo, uma questão que o movimento feminista do mundo todo considera vital desde a década de 1960, é classificado como “crime” em diversos pontos do texto. De acordo com o manual, mesmo em caso de estupro ou de inviabilidade do feto, a interrupção da gravidez não pode ser sequer aventada: “O direito de matar o próprio filho não pode ser fonte de liberdade nem de realização pessoal”. Todos os métodos contraceptivos, pílula e DIU inclusive, são considerados abortivos e criminosos.

Em terceiro lugar, o apego ao dinheiro

Causou espécie um vídeo que circulou recentemente, no qual o pastor Marco Feliciano pedia a senha de um cartão de crédito para um fiel, dizendo que, caso a senha não fosse revelada, “o milagre não viria”. Costuma ser igualmente criticada a cobrança do dízimo por parte de igrejas evangélicas – como se a igreja católica não o fizesse.

Tudo isso, contudo, é esmola perto do patrimônio misterioso e incalculável da igreja católica. A revista *Exame* fez uma reportagem bastante reveladora sobre o Banco do Vaticano. Entre diversos casos de lavagem de dinheiro, escândalos sexuais, corrupção e má administração relatados pela publicação, destaco uma informação: o banco gere cerca de 6 bilhões de euros em ativos. Vou repetir: 6 bilhões de euros.

Isso sem contar as milhares de propriedades da igreja católica ao redor do globo todo. Não sou um estudioso do cristianismo, mas acredito que valores como ajuda ao próximo, desapego e amparo aos pobres não combinam com a acumulação de fortunas dessa grandeza. Mesmo que o chefe da instituição prefira andar num fiat “sem luxo” e dormir num “quarto simples”.

Em quarto lugar, a promiscuidade com o poder público

Muito se critica Feliciano e a bancada evangélica por usarem o poder público que detêm para obter vantagens para suas instituições. O que afronta o conceito de estado laico. O catolicismo faz o mesmo.

O amplo uso de estruturas e verbas públicas durante a visita de Francisco; o mesmo lobby para isenções fiscais e outras benesses financeiras; a mesma submissão dos governantes (de Dilma ao vereador de Pindamonhangaba). Mais: há crucifixos em repartições públicas (desrespeitando os evangélicos, inclusive) e mensagens religiosas nas notas de dinheiro, que são um símbolo nacional. E por aí vai.

(Parênteses: pedofilia)

Aqui não há o paralelo com Feliciano, mas vale lembrar das inúmeras acusações de abuso sexual contra padres no mundo inteiro, muitas cometidas contra menores e encobertas pelo Vaticano. A situação é tão grave que a ONU pediu, agora no começo de julho, esclarecimentos sobre os crimes cometidos por padres em todo mundo. Como o vaticano é membro das Nações Unidas e tem a falta de transparência como uma de suas marcas, a ONU quer saber o que a Igreja Católica têm feito de efetivo contra os criminosos que foram descobertos em suas fileiras.

Por fim, o apoio da mídia

Aqui, uma das maiores injustiças com Marco Feliciano. O pastor é hostilizado por todos, TV Globo inclusa. Suas posições, conforme demonstrado, são irmãs siamesas das defendidas por Francisco e pela religião que comanda. E dos dogmas vindos de Roma ninguém reclama.

Pior: a maior TV do país (bem como quase todos os outros veículos de imprensa) ajoelha-se ao mandatário da tv católica. E não acredito ser esta uma decisão baseada somente pela audiência. A missa de domingo está na grade da Globo há décadas --atualmente é celebrada ao vivo pelo Padre Marcelo. E a emissora, apenas recentemente, de olho na perda de audiência e de dinheiro, começou um flerte institucional com os evangélicos, inaugurado com o festival de músicas gospel Promessas.

Para finalizar, deixo vocês com algumas frases do primeiro bloco do Jornal Nacional desta segunda-feira. Tentem imaginar Marco Feliciano ou qualquer outro líder evangélico sendo tratado desta forma pelo noticioso visto por quase metade da população brasileira toda noite:

“De papamóvel, fez um passeio que vai ficar na memória dos fiéis”

“Distribuiu simpatia”

“Mais perto do povo, do jeito que o papa Francisco gosta”

Fiel: “Foi um presente de Deus, eu consegui estar perto dele e pude constatar que ele realmente é esse pastor humilde, amigo do povo e que veio pra resgatar mais fieis pra igreja católica”

“Deixou uma legião de fieis encantados”

“Santo, abençoado, humilde... os elogios vão brotando”

Fiel: “Ele é gente como a gente”

“A cada esquina ele faz novos amigos”

“Os gritos pareciam saídos de um show de rock”

“Se fosse só isso, já valeria a pena, e o papa Francisco acabou de chegar”.

Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-lino/papa-e-um-feliciano-com-muito-mais-poder-e-o-apoio-da-globo-2361.html>. Acesso em: 26 jul 2013.

TEXTO 4**METRÔ COMEÇA A CIRCULAR COM VAGÕES EXCLUSIVOS PARA MULHERES NO DF**

O governador Agnelo Queiroz (PT-DF), que lançou o serviço na manhã de hoje na sede do metrô, explicou que a medida dá mais dignidade ao transporte das mulheres e deficientes

Almiro Marcos

Publicação: 01/07/2013 13:39 Atualização: 01/07/2013 15:50

Desde a manhã desta segunda-feira (1º/7) o Metrô-DF passou a operar com o primeiro vagão destinado exclusivamente para mulheres e pessoas com deficiência. A operação vai funcionar nos horários de pico, entre as 6h e 8h45 e das 16h45 às 20h15, nos dias úteis. Não há o funcionamento específico nos sábados, domingos e feriados.

A novidade cumpre determinação da Lei Distrital 4.848/2012, de iniciativa dos deputados distritais Evandro Garla (PRB) e Eliana Pedrosa (PSD) e tem como um dos principais objetivos reduzir o assédio às mulheres nos vagões do metrô. "Recebemos essa solicitação através da Ouvidoria da Câmara Legislativa do DF", explicou o parlamentar.

Imagem 3



O governador Agnelo Queiroz (PT-DF), que lançou o serviço na manhã de hoje na

sede do metrô, explicou que a medida dá mais dignidade ao transporte das mulheres e deficientes. A presidente do Metrô-DF, Ivelise Longhi, explicou que a operação vai funcionar em fase de testes durante um mês. "Os ajustes necessários serão feitos", explicou.

Disponível em:

[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/07/01/interna_cidadesdf,374414/metro-
comeca-a-circular-com-vagoes-exclusivos-para-mulheres-no-df.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/07/01/interna_cidadesdf,374414/metro-comeca-a-circular-com-vagoes-exclusivos-para-mulheres-no-df.shtml)

TEXTO 5**VAGÃO SÓ PARA MULHERES: PARECE UMA BOA IDEIA, MAS NÃO É**

A proposta reitera a cultura que impõe às mulheres a responsabilidade pela própria integridade. Post de Nádia Lapa

por [Nádia Lapa](#) — publicado 27/06/2013 19:02, última modificação 27/06/2013 19:44



Imagem 4

Usuários entram em vagão exclusivo para as mulheres no metrô do Rio de Janeiro

A Comissão de Transportes e Comunicações da Assembleia Legislativa de São Paulo aprovou um projeto de lei que cria vagões e espaços exclusivos para mulheres no transporte público. A ideia vem sendo discutida pela casa desde 2005, quando o projeto 341 foi proposto pelo então deputado Geraldo Vinholi (PSDB), hoje prefeito de Catanduva. Segundo a justificativa de Vinholi, a separação "tem como objetivo evitar, nas horas de pico, a bolinação das mulheres".

Ainda sujeita à aprovação dos deputados e à sanção do governador, a ideia não é nova. No Rio de Janeiro, lei semelhante está em vigor desde 2006 (em São Paulo, há previsão também de assentos exclusivos em ônibus, além de metrô e trem).

Parece uma boa iniciativa. Afinal, quem iria achar razoável a agressão física, verbal ou sexual em qualquer ambiente, em especial no transporte público? (Muitos acham, e cometem esses crimes diariamente.)

O grande problema é que a proposta só parece uma boa ideia, mas na verdade ela reitera a cultura que impõe às mulheres a responsabilidade pela própria integridade, quando o cerceamento de liberdade deveria focar no agressor. Toda mulher aprendeu desde cedo a "se cuidar", evitando ruas desertas ou escuras, olhando com desconfiança para a abordagem de desconhecidos, cobrindo o corpo para não ser assediada. Quando qualquer coisa acontece, a mulher acredita que de alguma maneira concorreu para a agressão, como se não tivesse se "preservado o suficiente".

No entanto, não é ela quem tem que se cuidar. A mulher tem o direito de existir, de ser, de se divertir, a qualquer hora do dia ou da noite, em qualquer ambiente, com ou sem companhia. O problema não é ela. Por qual razão seria justificável separar os homens das mulheres em transportes públicos? Eles não conseguem se controlar com a simples presença de uma mulher?

Eis uma questão incontornável: metade dos usuários do transporte público (e de seres humanos vivendo na Terra) são mulheres. Sempre existirá a interação, e não se pode simplesmente criar leis e normas para segregar as pessoas. Se analisarmos as iniciativas

em outras partes do mundo, não dividiremos os vagões e assentos pela metade. Isto é, as mulheres que não conseguirem embarcar nos vagões pintados de rosa estarão automaticamente sujeitas a qualquer coisa?

A proposta busca maquiar um problema cultural sério, que envolve a falta de projetos efetivos para o combate ao machismo e à violência sexual. É preciso repensar não apenas o papel do Estado na promoção de valores de respeito à dignidade humana, passando pela melhoria nas condições de atendimento às vítimas de assédio. Também precisamos analisar em que cultura o abuso sexual é aceito e a vítima é motivo de piada, como no conhecido quadro do programa Zorra Total. O trabalho é de todos nós. E a culpa nunca é da vítima.

Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-para-que/vagao-exclusivo-para-mulheres-parece-uma-boa-ideia-mas-nao-e-8235.html>.